



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)  
CENTRO DE LETRAS E ARTES (CLA)  
INSTITUTO VILLA-LOBOS (IVL)

**GLÁUCIA DA SILVA MACIEL**

O ENSINO DE MÚSICA POR UMA ÓTICA NEGRA NA CASA AMARELA –  
MORRO DA PROVIDÊNCIA

RIO DE JANEIRO

2023

GLÁUCIA DA SILVA MACIEL

**O ensino de música por uma ótica negra na Casa Amarela – Morro da Providência**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Instituto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Música. Área de Concentração: graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Miana de Faria

Rio de Janeiro

2023

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

dM113 da Silva Maciel, Gláucia  
O ensino de música por uma ótica negra na Casa Amarela -  
Morro da Providência / Gláucia da Silva Maciel. -- Rio de  
Janeiro, 2023.  
78 f.

Orientadora: Adriana Miana de Faria.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação  
em Música - Licenciatura, 2023.

1. Ensino de música. 2. Morro da Providência . 3. Casa  
Amarela. I. Miana de Faria, Adriana, orient. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO**  
**Centro de Letras e Artes**  
**Instituto Villa-Lobos**  
**Curso de Licenciatura em Música**

**O ENSINO DE MÚSICA POR UMA ÓTICA NEGRA NA CASA AMARELA –  
MORRO DA PROVIDÊNCIA**

por

Gláucia da Silva Maciel

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Adriana Miana de Faria(orientadora)

Profa. Dra. Mônica de Almeida Duarte

Prof. Dr. Rafael Soares Gonçalves

Nota: 10,0 (dez)

DEZEMBRO DE 2023





### Banca Examinadora do TCC da Glaucia da Silva Maciel

Data e Hora de Criação: 15/12/2023 às 10:41:07

Documentos que originaram esse envelope:

- Folha de aprovação Glaucia Maciel.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



### Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 5ffab547e5baa4b2a7e9318458cb4274588a7140f1f 9fb7689bfc22605671055

[SHA512]: 1fa15d4992f56dc39595f641cb7b80c2158e163caf2453ea8ee9c9dbfb96cb2f8bcb829ee7d070d3566b4f381c42632cf315d7c518edbfcc1c6b7364d648602d

### Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



#### ASSINADO - Adriana Miana De Faria (adriana.faria@unirio.br)

Data/Hora: 15/12/2023 - 10:43:46, IP: 189.60.221.210

[SHA256]: c7bc9f311eb5513808aae3bd60e1fd62c99cfc5604affe29e868582a270f092c



#### ASSINADO - Monica Duarte (monica.duarte@unirio.br)

Data/Hora: 15/12/2023 - 10:45:05, IP: 201.17.85.37, Geolocalização: [-22.951813, -43.184392]

[SHA256]: eb15f7739f362392f1fc061e4ca4ce764bfc3e51f56e3f83acdbb74386f3f02b



#### ASSINADO - Rafael Soares Gonçalves (rafaelsgoncalves@yahoo.com.br)

Data/Hora: 16/12/2023 - 09:52:48, IP: 201.17.121.112

[SHA256]: bee2bcc84f2b7ecec3ef441630a464e84cf4cbf2d2b15fe3504f523c6d6cee

### Histórico de eventos registrados neste envelope

16/12/2023 09:52:48 - Envelope finalizado por rafaelsgoncalves@yahoo.com.br, IP 201.17.121.112  
16/12/2023 09:52:48 - Assinatura realizada por rafaelsgoncalves@yahoo.com.br, IP 201.17.121.112  
16/12/2023 09:52:42 - Envelope visualizado por rafaelsgoncalves@yahoo.com.br, IP 201.17.121.112  
15/12/2023 10:45:05 - Assinatura realizada por monica.duarte@unirio.br, IP 201.17.85.37  
15/12/2023 10:45:01 - Envelope visualizado por monica.duarte@unirio.br, IP 201.17.85.37  
15/12/2023 10:43:46 - Assinatura realizada por adriana.faria@unirio.br, IP 189.60.221.210  
15/12/2023 10:43:42 - Envelope visualizado por adriana.faria@unirio.br, IP 189.60.221.210  
15/12/2023 10:43:31 - Envelope registrado na Blockchain por adriana.faria@unirio.br, IP 189.60.221.210  
15/12/2023 10:43:30 - Envelope encaminhado para assinaturas por adriana.faria@unirio.br, IP 189.60.221.210  
15/12/2023 10:41:07 - Envelope criado por adriana.faria@unirio.br, IP 189.60.221.210



Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais Elizete e Gláucio, a minha família, em especial as minhas tias Ana Marcia e Evelyn (*in memoriam*), ao meu professor Marco Lavigne e aos meus alunos da Casa Amarela.

## **Agradecimentos**

A Deus por ter me guiado por esta caminhada que mesmo com as adversidades sou grata e feliz;

A minha mãe Elizete Neuza da Silva Maciel e meu pai Gláucio Gleí Maciel por se sacrificarem, lutarem e acreditarem em mim. Por todos os livros parcelados, faxinas, ônibus cheios e conselhos, juntamente com toda reflexão crítica da realidade para que eu me tornar-se o que sou hoje, tudo é sobre vocês;

A toda minha família que me apoia de todas as formas a minha caminhada desde a infância, em especial minha tia Ana Marcia Lopes Meneses e minhas avós Neuza Lopes da Silva e Maria Aparecida Rocha (*in memoriam*);

Ao meu querido professor Marco Lavigne que teve grande contribuição na continuidade dos meus estudos na música com todas as aulas sem feriados ou férias que me deram força para continuar estudando violino, você foi muito importante na minha formação musical e humana;

Aos meus professores Karin Verthein, Pablo Uzeda, Lilia Justi e Noemi Uzeda por todo apoio, conversas e conhecimento;

À minha orientadora Adriana Miana por me ensinar e me conduzir nesse final de percurso;

À minha banca examinadora, Adriana Miana, Mônica Duarte e Rafael Gonçalves;

A Ana Paula e a Denise, sem vocês o que seria de mim e do Instituto Villa-Lobos;

A todos os meus amigos que me acolheram durante todo esse processo, em especial Carlos Rodrigues, Ingrid Nascimento, Lorena Amparo, Jennifer Alves, Eduarda Moraes e Vanessa Lucena;

Aos meus amados alunos da Casa Amarela, peça essencial na minha vida;

Aos meus companheiros de trabalho na Casa Amarela, por sempre me apoiarem e me incentivarem, Douglas Oliveira, Ernani Ferreira, Talita Milanez, Gaby Makena e Juliane Souza.

MACIEL, Gláucia da Silva. **O ensino de música por uma ótica negra na Casa Amarela – Morro da Providência**. 2023. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

### **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso relata a experiência do ensino de música realizada com crianças e adolescentes negras e pobres na Casa Amarela, Morro da Providência, como ação relevante para o enfrentamento do racismo e das mazelas sociais. O contexto histórico do Morro da Providência aponta para essas questões, fazendo com que haja a necessidade da existência da Casa Amarela e de um ensino musical por uma ótica antirracista, visando as relações étnico-raciais. No entanto, essa é uma tarefa complexa ao lidar juntamente com a demanda de conteúdos musicais. Dessa forma, os alunos de música da Casa Amarela se desenvolvem musicalmente e criticamente de acordo com o cotidiano e os repertórios.

Palavras-chaves: Ensino de música; Morro da Providência; Casa Amarela; Música; Racismo.

## LISTAGEM DE FOTOGRAFIAS, MAPAS, FIGURA E IMAGEM

Fotografia 1	Imagem da Lua da Casa Amarela
Figura 1	Flyer de divulgação do espetáculo Luna
Mapa 1	Mapa da região onde o Morro da Providência está inserido, sua demarcação foi feita de cor marrom
Mapa 2	Mapa da região da Pequena África.
Fotografia 2	Morro da Providência - Rio de Janeiro, RJ.
Fotografia 3	Morro da Favella em Canudos, Bahia.
Fotografia 4	Planta Favela (Cnidocolus quercifolius).
Fotografia 5	Foto de um problema sanitário recorrente no Morro da Providência.
Imagem 1	Jovens assassinados.
Fotografia 6	Colagem de fotografias no projeto Face 2 Fase, abaixo está o muro que divide a Palestina e Israel, nas fotografias tem-se misturados tanto palestinos como israelenses.
Fotografia 7	Colagem de fotos no projeto Portrait of a Generation.
Fotografia 8	Colagem da fotografia da Benedita na escadaria do Morro da Providência.
Fotografia 9	Fotografia da Benedita junto com a escadaria quando sua foto estava sendo colada.
Fotografia 10	Casas do Morro da Providência que tiveram fotos coladas.
Fotografia 11	Imagem das fotos coladas em casas do Morro da Providência.
Fotografia 12	Foto da Casa Amarela.
Fotografia 13	Foto do veículo onde as cabines fotográficas e impressoras estão localizadas.
Fotografia 14	Apresentação Belmond Copacabana Palace.

Fotografia 15	Apresentação Orquestras Sociais.
Fotografia 16	Apresentação Novembro negro.

### LISTA DE ABREVIADURAS

ADA	Amigos dos Amigos
CV	Comando Vermelho
FLUP	Festa Literária das Periferias
JR	Jean René
MIP	Mulheres Independentes do Morro da Providência
MPB	Música Popular Brasileira
MUHCAB	Museu de História e Cultura Afro-Brasileira
TED	Technology, Entertainment, Design
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1. Ensino de Música na Casa Amarela - Morro da Providência.....</b>	<b>7</b>
1.2. A natureza da música.....	7
1.3. Contextualização histórica do ensino musical com a Orquestra de Rua na Casa Amarela.....	8
1.4. Estrutura metodológica do ensino de música realizado na Casa Amarela.....	10
<b>2. Morro da Providência.....</b>	<b>18</b>
2.1 Morro da Providência da morte ao recomeço.....	30
<b>3. Casa Amarela Providência.....</b>	<b>36</b>
3.1. Seus fundadores.....	36
3.2. A Casa Amarela – Estrutura pedagógica e ações no Morro da Providência.....	42
3.3. Coletivos da Casa Amarela.....	46
3.4. Pista Santo Skate: outro espaço educativo no Morro da Providência.....	48
3.5. Residência artística e intercâmbio cultural.....	49
3.6. Inside Out Rio com a Casa Amarela.....	49
3.7. Valores civilizatórios afro-brasileiros.....	50
<b>4. Relato de apresentações realizadas em 2023 – Belmond Copacabana Palace, Festival Orquestra Sociais e Novembro Negro.....</b>	<b>54</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Essa monografia da área de Licenciatura em Música do Instituto Villa-Lobos - UNIRIO, busca relatar o papel do ensino de música relacionado com a cultura negra na vida de crianças e adolescentes negras e pobres na Casa Amarela, localizada no morro da Providência, Rio de Janeiro. Vale ressaltar que para se chegar a esta proposta de estudo ocorreu um entrelaçamento entre a minha história profissional, de militância e pessoal.

Dessa maneira posso dizer que tive o privilégio de conhecer a música e a luta contra o racismo e por direitos sociais em uma experiência similar. Diferentemente de um aprendizado “convencional”, experienciei trocas profundas que me enriqueceram como pessoa nos encontros com a música erudita europeia e popular brasileira (entre 2013 a 2023), nas relações com meus familiares, na religião e principalmente em projetos sociais. Essas experiências musicais me fizeram perceber que dar aulas de música em projetos sociais pode ser uma forma de “encontro com o outro”, uma descoberta enriquecedora de novas dimensões da própria pessoa e, também, ferramenta para a organização contra o racismo.

Essa experiência foi decisiva para as minhas escolhas acadêmicas e profissionais, pois fui guiada pela necessidade de compreender a relação entre áreas da música, os atores sociais dos projetos, o racismo estrutural, institucional e ideológico. Em especial, me interessa entender o papel do ensino da música para crianças e adolescentes negros e pobres e a sua vinculação na luta contra o racismo e demais mazelas sociais.

Nesta direção, em 2017, tornei-me cofundadora da Orquestra de Rua, grupo musical criado por jovens negros e favelados para difundir a música erudita europeia e popular brasileira em diversos espaços, como: periferias dentro e fora do Rio de Janeiro, consulados, asilos, escolas municipais, universidades, congresso, nas ruas e etc.

Em 2018, iniciei a atividade como professora de música na Casa Amarela, através da iniciativa da Orquestra de Rua que levou a proposta para o desenvolvimento das aulas de música para negros e pobres do morro da Providência. Já em 2020, iniciei o processo de aprimoramento do Letramento Racial na mesma organização social. Nessa oportunidade, participei e desenvolvi diversas leituras e debates dentre eles, sobre a chegada e condições

de vida de pessoas escravizadas na cidade do Rio de Janeiro, especificamente na Pequena África. Além dos processos de ocupação do Morro da Providência e os valores afro-brasileiros que foram estudados pela educadora e pesquisadora Azoilda Loretto da Trindade em que me aproximei da realidade local – onde nasci e me criei - e pude pensar numa educação musical atrelada à luta contra o racismo e às expressões da questão social<sup>1</sup>.

Estas experiências foram fundamentais para me inquietar sobre os fundamentos e princípios que separam os negros e pobres dos demais ouvintes da música erudita europeia. Partindo da hipótese de que as estratégias adotadas pela sociedade civil organizada para fomentar o combate às mazelas sociais (pobreza, violência, desemprego e questão psicológica), através da música, tendem a excluir a temática racial.

Questiono-me se o recorte social no estudo da música seria a única opção emancipatória na luta social pela superação das formas de dominação, opressão e exploração. Sendo assim, parece que para além do social é aconselhado a construção de um tipo de ensino musical, em que iniciativas e grupos locais possam desenvolver um modelo de estudo musical que resulte em uma organização coletiva contra o racismo.

Nesse sentido, o processo de estudo da monografia possibilitou um olhar complexo e crítico sobre meu campo de trabalho e de vida. Tive muitos encontros importantes nesta trajetória, perpassando a história, filosofia, sociologia, antropologia, a música, o processo de aprendizado e trocas com alunos, professores e demais envolvidos com a formação musical da Orquestra Luna na Casa Amarela. Essas são as bases fundamentais que me motivaram a realizar este estudo.

Depois de ressaltar inicialmente as questões que motivaram este estudo, introduzo aqui a problematização, apresento a justificativa e os objetivos do trabalho. Na tentativa de contextualizar pode-se dizer que a música em projetos sociais realizados em favelas tem sido reconhecida no país e, mais recentemente, em diferentes partes do mundo como alternativas viáveis que

---

<sup>1</sup> Para o Serviço Social, profissão que estuda e desenvolve projetos de intervenção social, as expressões da questão social podem ser entendidas como desemprego, subemprego, problemas ambientais, educacionais, de habitação, alimentação, violência urbana e rural, negação do acesso à terra. Além das mazelas decorrentes da discriminação de gênero, sexualidade, raça, classe etc. (Iamamoto e Carvalho, 2014).

podem conciliar divulgação da musicalidade nacional e local (Silva, 2010; Bastos, 1995 e 2007; Kleber, 2006; Sansone, 2000).

No entanto, o reconhecimento da parte historicamente excluída para a questão da proteção da memória cultural, geração de benefícios econômicos e construção de um processo que garanta cidadania, penso ser parcialmente colocada ou até mesmo negligenciada.

Diversos debates teóricos nacionais e internacionais relacionados à temática dão base à música como uma atividade que, contraditoriamente, é importante para proteção da memória cultural e organização social. Assim, o (Neder et al, 2008), ao trabalharem nessa direção tem legitimado o estabelecimento de mecanismos para a pesquisa, documentação, gestão e ensino da música em regiões periféricas.

Um dos temas centrais neste debate é a o relato de experiência para o estudo sobre música, memória, sociabilidade em espaços favelados e periféricos, que é avaliado como possível estratégia para reconhecer os saberes e fazeres que tendem a contribuir para os diversos setores da sociedade.

O principal argumento se apoia no fato de que o relato de experiência pode se concentrar no reconhecimento, difusão da identidade cultural, e obter uma fonte de resgate da memória social, política, econômica (Amorim e Almeida, 2017; Penna et al, 2012; Nattiez, 2004; Kleber, 2006), através da educação musical. Este modelo tem sido um dos principais mecanismos de fomento do ensino e aprendizagem em música em espaços historicamente vulnerabilizados no Brasil.

No país, o desenvolvimento da educação musical imposta pelo terceiro setor é pautado na criatividade, a partir de atribuições simbólicas e de valores que os indivíduos e grupos conferem à música. Isso decorre do fato de que a educação musical nesses espaços tende a ser administrada de forma centralizadora do contexto de desenvolvimento social, frequentemente sem diálogo com as populações locais, com ações focadas apenas na instrumentalização e conservação de estilos musicais dominantes. Embora o estudo da cultura negra seja um dos objetivos, porém, sem o devido reconhecimento.

Atualmente, está estabelecido, em especial para o ensino formal, a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 as diretrizes da educação nacional, para incluir no currículo a “História e Cultura Afro-Brasileira com a finalidade de proteger a

memória e potencializar o combate ao racismo”. Para tanto, são considerados fundamentais o apoio e a cooperação de organizações não-governamentais, de organizações privadas e pessoas físicas, de órgãos públicos (BRASIL, 2003).

No entanto, foi possível observar que o ensino da música desenvolvido com a Orquestra Luna na Casa Amarela defende antes de tudo a leitura crítica da realidade, o letramento racial e o que indica a própria Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. O ensino musical lá realizado não é “essencialista”, voltados para os conhecimentos prioritariamente musicais, enfatizando o domínio técnico-profissionalizante da linguagem ou meramente “contextualista” ao tratar em alguma medida os aspectos psicológicos e sociais (Penna, 2011). Defendemos o cuidado com as expressões da questão social; mas, principalmente, o enfrentamento ao racismo no ensino da música.

O desenvolvimento do ensino da música na Casa Amarela a partir do enfrentamento ao racismo sugere colaborar para a valorização, em especial da música produzida por negros e pobres, e paralelamente apoiar o desenvolvimento crítico para a proteção da memória cultural da região estudada. Além de motivar a pesquisa e o ensino, a organização social na busca por direitos, podendo movimentar a ocupação e a administração da cidade, de maneira diferente daqueles que defendem o desenvolvimento do espaço urbano carioca por meio de “pensamento único<sup>2</sup>” (Arantes, Vainer, Maricato, 2012).

De fato, o crescente interesse pelo desenvolvimento da educação musical e do ensino da cultura negra em favelas e periferias deve emergir, principalmente, em função da redução do pensamento único que significa a exclusão espacial, econômica e também o apagamento identitário-musical. Mas, apesar das inúmeras potencialidades para a consolidação do ensino de música e da cultura negra em áreas empobrecidas e racializadas, muitas críticas são observadas à reflexão sobre o tema.

A principal delas apoia-se no argumento de que a ênfase na eficiência econômica, psicológica e social defende uma perspectiva elitista, principalmente por excluir o debate sobre raça, em especial no que se refere a possível não observação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que, mesmo destinada ao

---

<sup>2</sup> Segundo Ferreira (2000), o termo “pensamento único”, é ideológico com pretensões universais, dos interesses de um conjunto de forças econômicas, e em particular das do capital internacional. Quer impor universalmente o domínio absoluto da economia e do mercado sobre os rumos políticos, sociais e culturais. É um modelo de gestão de cidades pensado e executado para as elites.

campo da educação formal poderia servir de base para o ensino não formal e informal em áreas faveladas e periféricas.

Sendo assim, o projeto de estudo justifica-se por não negligenciar, nesse relato de experiência, a característica complexa e contraditória do ensino de música e ensino da cultura negra em projetos localizados em favelas e periferias, sendo fundamental romper com visões e modelos deterministas cuja realidade é simplificada ao associar a questão racial a mera problemática social.

Esse fato tende a desconsiderar a necessidade e as formas de organização social contra o racismo através da música. E, contra a esse sentido, é importante considerar as diversas iniciativas para o ensino de música, como aquelas protagonizadas pelas demandas das populações locais. Este entendimento reforça a necessidade de compreender melhor como os projetos sociais utilizam a música e o ensino da cultura negra brasileira para o desenvolvimento local e o combate ao racismo, bem como que tipos de arranjos pedagógicos são firmados junto aos atores envolvidos para que ocorra uma gestão e prática musical/cultural coletiva.

Com base nisto, é importante refletir sobre a inserção da cultura negra brasileira no ensino da música para crianças e adolescentes negros e pobres da favela, a fim de verificar se a ideia de “social-racial-musical” pode se expressar nesse contexto como um modelo alternativo à musical de massa.

Por conta disso, o projeto escolhido para estudar é a Orquestra Luna, criada pela Orquestra de Rua e desenvolvida em parceria com a Casa Amarela. E considerando toda contextualização exposta, o nosso estudo pretende relatar de forma crítica as experiências desenvolvidas e confirmar que a junção do ensino música e da cultura negra brasileira é significativa para o combate ao racismo e outras mazelas sociais. Assim, a monografia tem como objetivo geral relatar a experiência do ensino de música articulado ao estudo da música negra brasileira em atividades desenvolvidas por estudantes negros e pobres. Seus objetivos específicos são: i. Identificar e descrever os meios utilizados pelas professoras de música para o desenvolvimento do ensino da música e da cultura negra da Orquestra Luna; ii. Contextualizar historicamente o Morro da Providência para ter uma compreensão do território e da necessidade de um ensino musical antirracista. iii. Oferecer apoio teórico-prático sobre “música e cultura negra brasileira” para tomada de consciência no processo de profissionalização e luta social.

Metodologicamente o relato de experiência serve para a realização deste trabalho por permitir a descrição do que é realizado e do contexto histórico que torna possível e necessária a existência deste ensino musical. Levando em conta o passado, o cotidiano, juntamente com aquilo ouço e percebo dos alunos nas aulas, moradores da providência e pais dos educandos que apresentam sobre música, raça e pobreza na região.

A história do Morro da Providência tem a ver com a necessidade do reconhecimento da luta cultural, social e econômica ao longo do tempo, assim seus aspectos históricos se entrelaçam com a existência desse ensino musical. Além disso, realizamos leituras das bibliográficas sobre cidade, favela, questão social e racial, música e educação, bem como realizamos pesquisas em sites e outros documentos disponíveis no site da Casa Amarela.

Por fim, no primeiro capítulo realizamos um esforço para apresentar o que é e o que significa a natureza da música, como houve o início do ensino de música na Casa Amarela e como estas aulas são estruturadas pedagogicamente. No segundo capítulo, está um breve contexto histórico da Morro da Providência para a compreensão de que território que está inserido esse ensino musical, no terceiro será apresentado a criação da Casa Amarela, sua estrutura pedagógica e ações no Morro da Providência e por no último capítulo será relatado algumas apresentações feitas neste ano pela Orquestra Luna, englobando escolha de repertório e preparação.

## 1. Ensino de Música na Casa Amarela – Morro da Providência

### 1.2. A natureza da música

Para tratarmos do processo educativo em que se insere a música na Casa Amarela, é fundamental entendermos, antes de tudo, a natureza daquilo que se pode constituir como música. De maneira geral, podemos dizer que a música se constitui em uma das atividades culturais amplamente divulgadas na sociedade contemporânea, estando vinculada à subjetividade do sujeito e de seus grupos sociais.

Em decorrência da tentativa de entendermos o que é música podemos incorrer em equívoco, pois existe a tendência de se particularizar tal definição. Mas, é válido dizer que na medida em que a música se constitui por meio de uma estrutura dinâmica de criação, prática e escuta que se atualiza no tempo e no espaço, não é possível demonstrá-la de forma simples e ingênua. “Ninguém pode dizer o que é música, a não ser por proposições normativas, porque "música em si" é de fato algo não demonstrável e sua prática não é nem arbitrária nem baseada em fundações físicas ou metafísicas” (Vaggione, 2001, p. 55).

Assim, música deve ser entendida a partir da sua interação com os aspectos físicos, naturais, culturais, sociais e econômicos, no tempo e no espaço, pois não se pode definir a música através de um único parâmetro ou modelo e, sim, pela sua relação com a práxis social<sup>3</sup> que a ela é indissociável.

A afirmação que "não há, pois, uma música, mas músicas. Não há a música, mas um fato musical. Este fato musical é um fato social total" (Molino, s/d, p. 114) está correta até o ponto em que podemos destacar não existir uma definição para música, no sentido, único.

A partir da investigação de produções musicais em seu contexto histórico o entendimento sobre a natureza da música pode se tornar factível. É considerando a constituição do ser social através da realidade que produz as suas condições de vida que se pode entender a música. Compreender a música,

---

<sup>3</sup> Seguindo a teórica crítica, inclusive a que constitui a leitura musical, tendo em Adorno um dos seus maiores expoentes, podemos dizer que a práxis social é a atividade intencionada que revela o humano como ser social e auto produtivo – ser que é produto e criação de sua atividade no mundo e em sociedade. Na música, ela também é o ato, ação e interação. É pela práxis que a espécie se torna gênero humano, assim, como é por ela que se pode entender a natureza da música e sua transformação de algo abstrato para concreto comunicacional e interativo que permite a produção da cultura.

é compreender as práticas musicais, uma vez que, são elas que realizam sua existência. Ao longo da história da música essas práticas foram se desenvolvendo pedagogicamente em relação ao ensino de formas musicais que estavam estabelecidas como: compor, arranjar, executar, entre outros.

Dessa forma, torna-se necessário um ensino musical que dialogue com o contexto social em que está inserida, mas que também desenvolva tecnicamente e criativamente a prática do fazer musical. E é assim que defendemos o ensino da música na Casa Amarela – Morro da Providência.

### **1.3. Contextualização histórica do ensino musical com a Orquestra de Rua na Casa Amarela**

A Orquestra de Rua foi fundada em 2017 por um grupo de jovens que com fome foram tocar na rua para conseguirem comprar uma pizza. Naquela época o grupo era composto por dois violoncelos (Kelvin Kelcio e Lucas Freitas), uma viola (Jéssica D’Ornellas) e seis violinos (Juliane Souza, Amanda Mateus, Gilbert Vilela, Joel Victor, Adriel Kelcio e eu, Gláucia Maciel). Por causa de demandas como trabalho, estudos e distancia de moradia alguns integrantes foram saindo do grupo gradativamente. Atualmente, o grupo é composto por um violino (eu), um violoncelo (Lucas Freitas) e uma viola (Jéssica D’Ornellas). A utilização do nome Orquestra de Rua é feita de forma artística, já que somos um grupo pequeno de músicos e não uma orquestra nos moldes tradicionais. O intuito inicial do grupo era podermos democratizar o acesso a música feita por esses instrumentos e nos ajudar financeiramente.

Em 2018, a Orquestra de Rua produziu com os alunos que faziam dança na Casa Amarela, com o responsável pelo audiovisual, Douglas Oliveira, e com o residente artístico, Redha Medjellekh, um vídeo chamado “If I were President”<sup>4</sup>, no Morro da Providência. Foi com a realização deste vídeo que os integrantes da Orquestra de Rua observaram a ausência de aulas de música na Casa Amarela. Assim, propusemos à codiretora Nina Soutoul dar início ao ensino musical na Casa.

---

<sup>4</sup>If I were President. Por Casa Amarela, Douglas Oliveira, Redha Medjellekh e Orquestra de Rua. Facebook, 14 nov. 2018. 1 vídeo (1:01min). Disponível em: <https://fb.watch/oEgDh6aKRV/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Naquela época, a Orquestra de Rua era um quinteto de cordas friccionadas, composta por um violoncelo (Lucas Freitas), uma viola (Jéssica D'Ornellas) e três violinos (eu, Gilbert Vilela e Juliane Souza). Todos os integrantes eram oriundos de projetos sociais de música, negros e moradores de favelas do Rio de Janeiro. Éramos do Morro da Providência, Morro dos Macacos e do Morro da Mangueira e tínhamos ingressado naquele ano em universidades federais para os cursos de música.

Ao voltarmos de uma viagem da qual tocamos para diversas crianças e adolescentes em escolas municipais e unidades socioeducativas de Porto Velho, Rondônia, percebemos que tocar e ter acesso a um instrumento era um privilégio. Isso porque havia a ausência de políticas públicas e ações do terceiro setor com as crianças e adolescentes daquele local. Assim, todos nós voltamos incitados a fazer algo, mas não sabíamos como, até a gravação do vídeo com a Casa Amarela.

A Casa Amarela, no entanto, não tinha recursos para adquirir instrumentos de cordas friccionadas para os estudantes. Assim, foi feita pela rede social da Orquestra de Rua uma campanha de arrecadação financeira online para a compra dos instrumentos. Com esta campanha conseguimos comprar alguns violinos, um violoncelo e uma viola e muitos amigos músicos doaram violinos para darmos início às aulas de música.

Na época a Casa Amarela era estruturada de outra maneira, todo trabalho voluntário era realizado sem nenhum tipo de ajuda de custo. Isso fez com que parte dos integrantes da Orquestra de Rua deixassem o trabalho iniciado na Casa Amarela. A condição financeira de todos era precária. Desta forma, se fazia necessário que nossos músicos trabalhassem em outros locais para poderem se manter e a seus estudos na universidade.

Até hoje as aulas de música são realizadas em parceria entre Orquestra de Rua e a Casa Amarela. As aulas de música são ministradas, desenvolvidas e organizadas por mim e pela professora de violino Juliane Souza. As atividades desenvolvidas vão além do ensino técnico do violino, pois também contextualizamos as músicas historicamente, promovemos práticas em conjunto, organizamos atividades de apresentação do grupo em diversos espaços e escrevemos os arranjos para os estudantes.

A Casa Amarela nos auxilia em algumas questões pedagógicas e atualmente financeira, ao longo destes anos desde que a Orquestra de Rua

começou a desenvolver o trabalho de música, houve mudanças na forma que a Casa Amarela é coordenada. Assim, atualmente há possibilidade obtermos recursos financeiros por meio da Casa, para mantermos as aulas, levar os instrumentos para o concerto, comprar cordas, pastas, cadernos, roupas, entre outros. Em relação aos estudantes, às vezes, solicitamos auxílio aos coordenadores. Desta maneira, um estudante pode ser direcionado à coordenação para conversar, por causa do comportamento em aula. Outras vezes, há questões étnico-raciais, que estão relacionadas ao racismo, pois as atividades são realizadas com crianças e professoras negras.

#### **1.4. Estrutura metodológica do ensino de música realizado na Casa Amarela**

Na tentativa de produzir um sentir, perceber, refletir e agir através do ensino de música organizamos<sup>5</sup> aulas que dialoguem com a cultura negra brasileira. No entanto, o desenvolvimento desse trabalho é extremamente complexo, ao termos que ligar uma densa demanda em relação ao ensino da música e com as questões étnico raciais. As demandas sobre o ensino da música são o desenvolvimento individual em percepção musical (através do desenvolvimento rítmico, melódico e harmônico), leitura de partitura, desenvolvimento técnico do violino e da performance, além do desenvolvimento nas práticas de conjunto. Com as questões étnico-raciais existem diversos assuntos que necessitam ser abordados como: o racismo, a colonização do Brasil, o Morro da Providência, violências cotidianas, manifestações culturais negras, entre outros.

Assim, prioriza-se nas aulas de música fazer pequenos recortes nos quais homeopaticamente possamos ir abordando determinados conteúdos. Nestas aulas, priorizamos fazer a abordagem sobre as questões sociais na introdução dos repertórios, nos quais existe a possibilidade de contextualização sobre compositores, seus períodos históricos e suas vidas.

As aulas de música são realizadas todas quintas-feiras das 16h45 às 18h30 e sextas-feiras das 16h45 às 18h, o formato das aulas é modificado por semestre. No primeiro semestre do ano, de janeiro a julho, há aulas individuais.

---

<sup>5</sup> Sob a Coordenação da Gláucia da Silva Maciel.

No segundo semestre, de agosto a dezembro, focaliza-se as práticas musicais em conjunto. É importante destacar que os estudantes tem autonomia de saírem de qualquer atividade que eles fazem parte na Casa Amarela, caso não estejam satisfeitos ou se a ação de ensino não contemple mais seus objetivos.

Por termos pouco tempo para abordar diversos conteúdos técnicos musicais e teóricos relacionados ao repertório e as diversas questões sociais presentes no cotidiano, as aulas de música com as os viventes do grupo dos Erês (crianças de 8 a 13 anos), são realizadas individualmente no primeiro semestre. As aulas são individuais para se trabalhar a dificuldade e o desenvolvimento de cada aluno de acordo com o seu ritmo e possibilidade de estudo. Todos os outros alunos, da mesma turma, assistem as aulas individuais de seus colegas. Para que as aulas individuais funcionem melhor, dividimos a turma de acordo com o nível técnico e denominamos violinos 1 e violinos 2. Os violinos 1 são os alunos que estão um pouco mais avançados no estudo do violino, porém a mudança de turma é flexível, uma vez que, alguns alunos podem avançar rapidamente em seus estudos na turma dos violinos 2 e irem para a turma dos violinos 1.

Salienta-se que eu e Juliane nos conhecemos jovens no projeto social e por termos o mesmo professor de violino, temos uma percepção do ensino do violino parecida. A metodologia de ensino do violino que empregamos foi adquirida com o professor Marco Lavigne, professor aposentado de bacharelado em viola na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que continuou nos dando aulas após o fim do nosso projeto social.

A técnica que aprendi com ele foi eficaz para a construção de uma boa base que possibilitou resolver desafios encontrados nas músicas. O professor Marco Lavigne exercitava o que chamava do “estudo da consciência”. Após apresentar a técnica, me fazia perguntas para me conscientizar sobre o motivo de fazer aqueles exercícios. Ele também me influenciou a buscar conhecer mais sobre as pessoas importantes no movimento negro do Brasil, como a Lelia Gonzalez e o Abdias Nascimento.

Por este fato, nas aulas de violino utilizamos bases teóricas do sistema de ensino do Carl Flesh, bases que nos foram passadas por Marco Lavigne. Estas bases teóricas são divididas entre a técnica geral, priorizando uma completa formação mecânica dos dois braços; a técnica aplicada com a capacidade de resolver racionalmente dificuldades técnicas que surgem em algumas músicas;

concepção artística com a liberdade que se adquire através do domínio de aspectos mecânicos, isso permite ao violinista se expressar artisticamente por meio do instrumento. Com esse bloco teórico, deu-se a origem de um método de estudo, subdividido em 4 blocos: mecânica, escalas, estudos e repertório. Na mecânica estuda-se técnicas do membro superior esquerdo (articulação e velocidade dos dedos, posições fixas, mudanças de posições, cordas duplas, vibrato, afinação etc), do arco e da coordenação de ambos, juntando as diversas técnicas entre si (Lavigne e Bosisio, 1999).

Apesar de ser uma atividade que ocupa horas e horas de boa parcela dos músicos de um país, o estudo de um instrumento de corda ainda conta com pouco subsídio escrito acerca de sua mecânica, principalmente se consideramos a extensa bibliografia sobre outras áreas da denominada música erudita (Lavigne e Bosisio, 1999).

Além disso, muitos métodos de estudo estão em língua estrangeira o que atrapalha a compreensão para a execução. Assim, torna-se fundamental que a base técnica seja transmitida oralmente pelo professor com esta interação entre professor e aluno durante aulas e ao longo das gerações (Lavigne e Bosisio, 1999). Levamos em consideração essa metodologia para o desenvolvimento técnico do violino nos nossos alunos.

O repertório é escolhido de forma conjunta, entre professoras e alunos, durante o primeiro semestre. Nas aulas da turma de violinos 2, ministrada pela professora Juliane Souza, é comum se utilizar o método da Keeyth Viana “As Aventuras Musicais de Aipim. O Aprendiz de Violino<sup>6</sup>”. Escolhemos este método, porque as músicas estão organizadas em ordem progressiva de dificuldade técnica e por ter mais de 30 canções. Além disso, os alunos do violinos 2 conhecem várias destas melodias: a barata, marcha soldado, o cravo brigou com a rosa, entre outros. Por já conhecerem auditivamente as melodias, os estudantes focam sua atenção na aplicação da técnica do instrumento nesse repertório.

Na turma dos violinos 1 as aulas são ministradas por mim, assim divido o horário em três partes. Na primeira parte são realizados exercícios técnicos de arco para conseguirem obter uma qualidade melhor do som, adquirirem

---

<sup>6</sup> VIANNA, Keeyth. **As Aventuras Musicais de Aipim. O Aprendiz de Violino.** Keeyth Vianna. 1ª edição, Brasília, DF: Musimed, 2017.

intimidade em tocar com qualquer parte do arco e para realização de alguns golpes de arco<sup>7</sup>. Atualmente, eles trabalham metade superior e inferior do arco, arco todo com pausa no meio, arco inteiro sem pausa e détaché<sup>8</sup>. Na segunda parte da aula, são realizadas ações para o desenvolvimento da mão esquerda com exercícios técnicos de afinação, articulação com velocidade (alternando o pulso através do metrônomo) e posição fixa. Assim, eles poderão ter a possibilidade de tocar com mais fluência e conseguir fazer mudança de região no braço do violino. Já na terceira parte da aula, é desenvolvido o repertório.

Nesta parte, juntamos as técnicas de arco e de mão esquerda que anteriormente foram focalizadas separadamente. Por estarem no início de sua caminhada técnica no violino, é necessário que eu reforce constantemente a postura do instrumento com a posição da mão do arco onde os dedos devem sempre estar redondos; a posição do instrumento no corpo, o instrumento deve estar paralelo ao solo, o que acontece frequentemente deles abaixarem o violino; a posição do arco, o mantendo paralelo.

Estas atividades realizadas nos violinos 1, tem o propósito que as crianças tenham possibilidade de executarem qualquer repertório de seu interesse e, se quiserem, dar continuidade no estudo da música. Ademais, é solicitado que os estudantes pesquisem sobre a vida dos compositores do repertório, cantem as músicas antes de tocá-las. O ato de cantar faz com que trabalhem a leitura de partitura e quanto mais avançam, mais adentramos em percepção musical com seus ritmos e melodias.

No final do primeiro semestre fazemos um dia de recital, juntamos as turmas e os alunos para apresentarem o repertório que mais gostaram de estudar durante o semestre. Acredito que seja um bom momento para treinar tocar sozinho, treinar controlar o nervosismo de tocar em público. Este é um momento em que todos podem também se divertir e socializar com os outros colegas.

Salienta-se que em todas as aulas temos trocas constantes em conversas sobre o cotidiano e ao abordarmos o repertório temos a possibilidade de debater temas como o racismo e algumas mazelas sociais. Um exemplo disso, é que as

---

<sup>7</sup> Interpreto como golpes de arco os diversos movimentos realizados pelo arco do quais se obtêm tipos diferentes de sonoridade, como: détaché, martelé, staccato, sautillé, entre outros.

<sup>8</sup> Détaché é oriundo do verbo em francês détacher que significa separar, desligar e ele é a base para uma série de outros golpes de arco (Lavigne e Bosisio, 1999).

crianças escolheram tocar a música “Cheguei” da Ludmilla, o que foi uma ótima oportunidade para abordarmos a vida dela, já que, Ludmilla é uma mulher negra, bissexual e de origens favelada, assim incitamos os alunos com perguntas sobre “como vocês acham que foi início da trajetória dela como mulher negra, favelada, pobre e funkeira?”, “vocês acham que por ela ter ganhado dinheiro, ela não passa mais algum tipo de discriminação? Se a resposta for positiva, quais são os tipos de discriminações?”, “o porquê de mesmo sendo rica ela continuar sofrendo racismo?”, “seu lugar de origem influencia essa violência?”, entre outros. Após a conversa, passamos a música para eles, mas não com partitura, mas de forma oral, ao tocarmos as notas e ritmos com o violino e eles imitarem.

No segundo semestre do ano, costuma ser realizado as apresentações, os alunos de música participam do Novembro Negro, realizado pela Casa Amarela e do festival Orquestras Sociais, realizado pela UNIRIO. Os dois festivais exigem que se realize vários ensaios em conjunto. Assim, agendamos diversos ensaios extras. O horário das aulas da Casa muitas vezes não atende essa demanda e as crianças ensaiam na minha casa ou na casa da minha tia Ana Marcia. Isso ocorre, porque o espaço da Casa tem pouca flexibilidade para atender estas demandas, pois são oferecidas outras atividades na Casa Amarela.

Além disso, é orientado que os alunos estudem em suas casas, pois foram autorizados pelas professoras, de acordo com o empenho em aula, para levarem os instrumentos, pastas e cadernos de música. Esta possibilidade, facilita que eles tenham um bom desempenho na execução individual e conjunta. Os alunos que tem celular, costumam me mandar áudios e vídeos tocando. Eles também têm total liberdade para irem à minha casa afinar os violinos, quando necessário. Desse modo, auxílio aos estudantes na medida do possível, até em apresentações escolares quando querem tocar violino.

Ademais, outras atividades de música são realizadas como algumas oficinas que eu e Juliane propusemos. Em meus estudos e disciplinas que cursei na universidade sobre música afro-brasileira, pude fazer uma oficina onde havia a contextualização de ritmos afro-brasileiros e a execução deles com o corpo, empregando bater palmas e os pés, os motivos rítmicos, claves, trabalhados foram o ijexá, cabula, mojo, aguerê, ilú e lundu. Como os alunos também fazem dança afro, ficaram mais conscientes sobre as claves utilizadas nas músicas em

que estavam dançando. Outra oficina, foi quando fizemos alguns chocalhos com sonoridades diferentes por causa da diversidade em materiais utilizados, além de jogos musicais. Estas sugestões e o auxílio destes matérias foram feitos pela professora Adriana Miana. Além disso, demos muitas parlendas com percussão corporal influenciadas pelo trabalho do Helder Parente que são empregadas pela professora Lilia Justi.

Focando sempre no desenvolvimento dos alunos, recebemos alguns convidados em nossas aulas que sempre causaram muita animação para a continuidade do estudo da música. Foram alguns dos nossos amigos e professores, tocar e dar oficinas para as crianças gratuitamente: o Mateus Távora que toca fagote, Quinteto Experimental da UFRJ, Sweet Jazz, os professores da UNIRIO Sergio Barrenechea e Adriana Miana, entre outros.

Com todas estas ações, resolvemos expandir nosso trabalho, com o apoio da Casa Amarela, para a formação da primeira orquestra do Morro da Providência, Orquestra Luna. Este nome está associado à Lua (Fotografia 1) que tem em cima da Casa Amarela e porque o primeiro espetáculo que eu toquei no projeto se chamava Luna (Figura 1).

**Fotografia 1** – Imagem da Lua da Casa Amarela



**Fonte:** Douglas Oliveira, Morro da Providência, Rio de Janeiro, 2022.

**Figura 1** – Flyer de divulgação do espetáculo Luna



Fonte: Maestro José Siqueira, 2015.

Para escolha do repertório é priorizado músicas de compositores/compositoras negros/negras, sendo atualmente todos brasileiros. Assim, há a possibilidade de todos conhecerem narrativas de pessoas que foram importantes na música e referência para o povo negro do Brasil, pessoas essas que passaram por desafios, como a violência racial.

O trabalho desenvolvido está ligado aos valores civilizatórios afro-brasileiros da *oralidade*, *musicalidade*, *corporeidade* e *cooperatividade*, desenvolvidos pela educadora Azoilda Loretto da Trindade. *Oralidade* pelo momento de troca pela fala, da qual partilhamos memórias, experiências e saberes. *Musicalidade*, ao podermos desenvolver o gosto pelo som e pela nossa cultura afro-brasileira que é diversa. Observo os estudantes fazendo ritmos complexos de forma fluída por terem esse contato com música em diferentes locais da nossa favela, com a música da casa do vizinho, de um bar e da Casa Amarela. *Corporeidade*, por termos em nossas conversas sobre os músicos negros e suas vivências a consciência sobre nosso lugar no mundo, nossa existência, o respeito e cuidado sobre nossos corpos e o direito dentro de sala de aula de existirmos de uma forma feliz e estando confortável para ser o que quisermos. *Cooperatividade*, eu observo pelos alunos se unindo depois das aulas para se ajudarem e estudarem juntos em suas casas, ao cooperarem um com outro ao irem em suas casas chamar o colega para não se atrasar e chegarem juntos.

Neste sentido, com essa perspectiva esperamos que as crianças tenham boas referências e que possam ser o que almejam durante sua vida, mas obtendo uma postura crítica contra o racismo e sempre olhando para o seu lugar de origem, valorizando e potencializando a nossa favela, além de poderem ser músicos ou apreciadores de música.

## 2. Morro da Providência

Este capítulo faz um breve relato histórico sobre o Morro da Providência. É importante essa contextualização para que se possa compreender a criação e a existência da Casa Amarela, as aulas de música realizadas pela Orquestra de Rua e a forma que está estruturada pedagogicamente. Nesse sentido, ao compreender os processos históricos que permeiam o Morro da Providência tem-se a possibilidade de uma outra compreensão, pois se pode entender um pouco mais sobre as pessoas que ocupam esse território e a necessidade de um ensino musical por esse viés antirracista realizado pela Orquestra de Rua, na Casa Amarela – Morro da Providência.

O Morro da Providência está localizado na região central da cidade do Rio de Janeiro, especificamente a região portuária. Foi também conhecida como Morro da Favela. É importante destacar que o Morro da Providência (Mapa 1) está inserido na região da Pequena África (Mapa 2), local onde foram desembarcados milhares de pessoas sequestradas de África para o trabalho escravizado<sup>9</sup> no Brasil. A Pequena África também compreende os territórios do Morro da Conceição, Gamboa e Santo Cristo. O atual Morro da Providência é delimitado pelas áreas da Gamboa, Saúde, Praça Mauá, Santo Cristo, Morro da Conceição, Senador Pompeu, Morro do Pinto e Linha Férrea da estação da Central do Brasil.

---

<sup>9</sup> “Em 1803, a Dinamarca aboliu o comércio de escravos, seguindo-se a Inglaterra em 1807, a França em 1817, a Holanda em 1818 a Espanha em 1820 e a Suécia em 1824. Nas colônias britânicas, a escravidão foi finalmente abolida em 1833, nas holandesas em 1863.” DEPESTRE, René. *Bonjour et adieu à la négritude*. Paris: Robert Laffont, 1980. 262p. p.82-160. Tradução de Maria Nazareth Fonseca e Ivan Cupertino. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/depestre.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2023.



afirma que esse território seria o único acessível para essa comunidade preta e pobre da região e que o Morro da Providência só se tornou uma favela por causa da Guerra de Canudos.

Segundo Luiz Torres<sup>11</sup>, historiador que integrou a mesa sobre o Morro da Providência na FLUP, a cidade do Rio de Janeiro nasce dentro da perspectiva dos morros: Morro Santo Antônio, Morro São Bento, Morro da Conceição, Morro do Livramento (atual Morro da Providência), entre outros. Para Luiz Torres, o Morro passa a ser uma das referências de surgimento do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. As primeiras ocupações desses morros foram realizadas, naquela época, por pessoas abastadas, a prioridade era por construir suas casas e chácaras. A preferência por estes locais era por ter um clima ameno pois nos morros tem-se uma maior circulação de ar, diferente do que ocorria nas partes baixas da cidade que apresentavam um clima quente.

Assim, na década de 1820 existem os primeiros relatos de ocupação do Morro da Providência (Pereira, 2023). Em 1838, foi realizada a instalação da rede de água que abastecia a cidade do Rio de Janeiro e no Morro da Providência, por seu posicionamento geográfico foi instalada uma dessas caixas d'água, entretanto não era para o abastecimento do Morro.

Por mais que se tratasse de uma localidade mais contemplada pelo poder público do que outros bairros distantes do centro, os moradores do Morro da Providência mostravam, com suas queixas, encará-lo como parte constitutiva da região central, a mais urbanizada da cidade – merecendo, por isso, os mesmos serviços públicos existentes em seu entorno. Não por acaso, uma das reclamações expressas pela nota do Correio Mercantil mereceu uma resposta imediata do governo municipal, que já no ano seguinte instalou no morro os lampiões pedidos pelos moradores para garantir a iluminação pública (Pereira, 2023, p. 8).

O governo municipal atendeu a outras reivindicações, por exemplo, melhorando as condições de acesso da população ao Morro. A maioria das ruas do Morro da Providência foram pavimentadas com paralelepípedos. Todas as melhorias tornavam esse território mais atrativo para moradia, isso fez com que

---

<sup>11</sup> Informações obtidas durante a Festa Literária das Periferias (FLUP) em 18 out. 2023 na mesa Periferias Globais: Morro da Favela – A Providência de Canudos, com participação de Maurício Hora, João Batista S. Lima, Luiz Torres e Sílvia Capanema; mediação Ellen Costa. O local da realização foi no Auditório Faveleira, Galpão da Ação da Cidadania, Festa Literária das Periferias (FLUP) em 18 out. 2023. Programação disponível em: <https://www.flup.net.br/programacao-2023>. Acesso em: 20 out. 2023.

houvesse o aumento do número de moradores dessa localidade, em 1856. As demandas dos moradores continuavam sendo divulgadas nos jornais de grande circulação da cidade, uma vez que, o Morro da Providência merecia o mesmo tratamento do entorno. Com o passar do tempo, a maioria dos moradores com renda maior fixaram moradia na parte mais baixa do Morro onde havia também vários estabelecimentos comerciais. Assim, aos poucos, nas partes mais altas, foi sendo assentada a moradia da população menos favorecida economicamente (Pereira, 2023).

Entre 1860 e 1900, foram encontrados muitos anúncios de aluguel e/ou venda de imóveis, aumentando a oferta e procura por residências no Morro da Providência. Algumas vezes, as moradias tinham estruturas com dimensões maiores do que o que era comum, como: sobrados, casa com três ou quatro cômodos. Muitos proprietários das antigas chácaras passaram a construir pequenas casas ou moradias coletivas nesses terrenos, assim poderiam arrecadar mais com os aluguéis. O que chamava bastante a atenção eram os preços mais acessíveis. Desta forma, o perfil dos habitantes modificou o que acabou gerando um incômodo aos moradores com maior renda. Para os proprietários de alguns imóveis o Morro se tornou uma opção de lucro e não mais de moradia. É importante salientar que mesmo as habitações sendo precárias, os inquilinos por ausência de pagamento, por causa das condições ruins de trabalho informal, se viam obrigados a sair das casas deixando todos seus pertences.

Por estas moradias se pagava impostos, portanto eram reconhecidas pelo poder público a sua legitimidade (Pereira, 2023). Com isso, gradualmente o Morro da Providência vai perdendo o caráter rural e se incorpora ao urbano. Os moradores do Morro passaram a ter demandas como a de saneamento básico, trabalho, moradia, cultura, lazer, dentre outras. Reivindicando a incorporação do Morro na construção e desenvolvimento da cidade.

Se anteriormente o governo municipal tentava resolver as demandas dos habitantes dessa localidade, com o aumento da ocupação na parte alta do Morro isso não ocorria mais (Pereira, 2023). Tal fator está associado ao perfil das pessoas que, naquele momento, habitavam a maior parte dessa localidade, ali se tornou um dos territórios com mais negros da cidade. Os moradores não desistiram de fazer as solicitações e estas continuavam a ser publicadas nos jornais de grande circulação.

O Morro foi um dos principais territórios com pessoas contaminadas com a febre amarela e cólera da cidade. Essas epidemias ocorreram em tempos diferentes, mesmo havendo sucessivos relatos na imprensa sobre a ausência de saneamento básico e limpeza do território.

Segundo Gonçalves (2013) a guerra do Paraguai (1864-1870) provocou no Brasil um desenvolvimento em alguns setores como o da construção naval e têxtil. No entanto, o Estado brasileiro estimulou a imigração de europeus para substituir a mão de obra das pessoas escravizadas, que estavam de forma gradual obtendo sua liberdade. Esta liberdade também foi obtida em grande escala com a Guerra do Paraguai que fez com que milhares de pessoas escravizadas lutassem, não pela guerra, mas em busca de um tipo de liberdade. Os soldados negros que conseguiram retornar ao Brasil obtiveram a alforria, mas quando regressaram se depararam com a negação da contratação da sua mão de obra. Isso se deu com o intuito de branquear a população com a chegada dos imigrantes (Gonçalves, 2013). Segundo Luiz Torres, o contingente de negros libertos era grande nessa época, muitos vieram para o Rio de Janeiro e ocuparam o Morro da Providência.

Nesse sentido, o aumento de escravizados alforriados<sup>12</sup> e a chegada de imigrantes europeus provocaram um crescimento maciço na cidade do Rio de Janeiro. “Entre 1872 e 1890, ela se eleva em quase 90%, enquanto o número de habitações havia crescido apenas 62% durante o mesmo período” (Gonçalves, 2013, p. 34). Salienta-se que o custo do transporte na época era caro e forçava as pessoas, das classes menos favorecidas economicamente, optarem por morar no centro da cidade, pois era esta localidade que havia uma grande demanda por mão de obra. No entanto, essas relações trabalhistas eram precárias muitos desses trabalhadores tinham que buscar cotidianamente por serviços remunerados. Esse fato acabou por gerar uma superlotação dos prédios antigos e mais precários, dando origem aos muitos cortiços na região central do Rio de Janeiro. E com a abolição da escravatura (1888) esse processo

---

<sup>12</sup> Esse aumento deu-se pela Lei Eusébio de Queirós (1850) estabeleceu medidas para reprimir o tráfico atlântico de escravizados vindos do continente africano para o Brasil (Pinheiro, 2020); Lei do Ventre Livre (1871) determinou que todos os bebês de mulheres escravizadas nasceram livres (Agência Senado, 2021) e Lei dos Sexagenários (1885) libertou pessoas escravizadas com 60 anos ou mais (Agência Senado, 2015). Além disso, muitos escravizados estavam organizados coletivamente com inúmeros quilombos onde poderiam se abrigar caso fugissem ou também aqueles que tinham a alternativa de trabalhar informalmente conseguiram ao longo de anos comprar a própria alforria e de muitos outros escravizados.

de superlotação se intensificou. É importante ressaltar que não houve garantia de direitos a população negra, agora liberta, poderia se dizer que esta foi deixada à mercê da própria sorte. Como se pode verificar com a Lei das Terras, assinada por D. Pedro II em setembro de 1850, na qual “o país oficialmente optou por ter a zona rural dividida em latifúndios, e não em pequenas propriedades<sup>13</sup>”, dificultando e porque não dizer, inviabilizando o acesso às terras propositalmente. Desse modo, “a população dos cortiços praticamente dobrou entre 1888 e 1890, chegando a atingir 100.000 pessoas, ou seja, quase 20% da população da cidade” (Gonçalves, 2013, p. 34).

A demolição de grande parte dos cortiços deu-se por dois fatores: o primeiro era que a cidade do Rio de Janeiro passou por uma reforma urbana para enquadrar-se nos padrões eurocêntricos do que se era considerado moderno, havendo um comprometimento com o modelo francês de arquitetura e urbanismo como pode-se verificar no bairro da Glória com a Praça Paris ou a Avenida Rio Branco no Centro, implementado pelo prefeito Pereira Passos cujo mandato foi de 1902 a 1906.

A Reforma Urbana Pereira Passos foi uma tentativa de europeização e aburguesamento da cultura por meio de arquitetura, ideais e costumes. A Europa, especialmente as cidades de Paris e Londres, era tida como um modelo de civilização, progresso e modernidade a ser seguido. O progresso era sinal de desenvolvimento material; a civilização de comportamento pautado em um ideal burguês europeu; a modernidade no embelezamento e no saneamento relacionada a sair de um passado colonial e se adequar a um novo presente, certamente europeu. Dessa forma, as mudanças na capital tiveram um caráter urbanístico, sanitário e também comportamental, e a transformação da cidade se deu em um nível simbólico-espacial. Uma frase muito usual na época era “o Rio civiliza-se”, que demonstra todo esse imaginário<sup>14</sup> (Silva, 2019).

Toda essa revitalização da cidade, caminha junto com a retirada de tudo que era considerado fora desse padrão eurocêntrico, isso ia de vendedores ambulantes nas ruas, cachorros, como também pessoas que habitavam essas áreas em cortiços. O segundo fator que justificou a demolição dos cortiços foi

---

<sup>13</sup> AGÊNCIA SENADO. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. **Senado notícias**, 14 set. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios>. Acesso em: 30 ago. 2023.

uma política de higienismo sanitaria<sup>15</sup> na cidade do Rio de Janeiro para que houvesse a contenção de contágio de doenças, justificando a remoção dessas pessoas sem dar alguma solução no problema habitacional. É importante enfatizar que essas pessoas viviam em situações precárias nos cortiços, já que esses lugares eram tão insalubres que se tornaram fonte de epidemias que infestavam a cidade. Diante disso, essas remoções intensificaram a ocupações dos morros e encostas como no Morro da Providência.

Em 1893, um dos proprietários do cortiço Cabeça de Porco possuía terrenos no Morro da Providência e alugou alguns terrenos para pessoas que tinham sido expulsas do cortiço. A demolição desse cortiço foi bem conflituosa porque seus moradores resistiram para sair. Assim, o prefeito da época Barata Ribeiro autorizou que utilizassem o resto do cortiço Cabeça de Porco, essa permissão fez com que algumas pessoas pudessem construir seus próprios barracos no Morro da Providência (Gonçalves, 2013).

A história do Morro da Providência também se entrelaça com Guerra de Canudos, houve a participação de um canudense, como se identificou João Batista S. Lima<sup>16</sup>. Segundo Lima a denominação mais correta para esta guerra seria “a Guerra contra Canudos”. Em 1877, uma seca assolou o Nordeste provocando uma crise econômica que acarretou um contingente de 100.000 mortos e flagelados (Costa, 2017, p. 3). Assim, com essa crise, as pessoas começaram a habitar o Arraial de Canudos. Eram majoritariamente negras, indígenas e roceiros que resolveram se organizar na tentativa de buscar uma possibilidade de vida melhor, com acesso aos bens básicos para existência, por meio do trabalho rural.

No programa televisivo Caldeirão do Huck (2019), segundo o próprio Luciano Huck, Antônio Conselheiro chega ao Arraial de Canudos, interior da Bahia, em 1893, depois de vagar por 20 anos pelo sertão nordestino, anos que viveu de “esmolas”. Antônio Conselheiro denomina aquele local de Belo Monte,

---

<sup>15</sup> “O higienismo sanitaria deverá, então, orientar o *modus operandi* de várias realizações urbanísticas que buscam uma modernização seletiva de espaços urbanos. Essas estratégias de contenção das epidemias acontecem principalmente nas áreas centrais, a começar pela intervenção de remoção pontual de cortiços, que alcança sua maior expressão na prática urbanística dos planos de melhoramentos e embelezamento” (FARIAS e ALVIM, 2022).

<sup>16</sup>Informações obtidas durante a Festa Literária das Periferias (FLUP) em 18 out. 2023 na mesa Periferias Globais: Morro da Favela – A Providência de Canudos, com participação de Maurício Hora, João Batista S. Lima, Luiz Torres e Sílvia Capanema; mediação Ellen Costa. O local da realização foi no Auditório Faveleira, Galpão da Ação da Cidadania, Festa Literária das Periferias (FLUP) em 18 out. 2023. Programação disponível em: <https://www.flup.net.br/programacao-2023> Acesso em: 20 out. 2023.

assim ele desconstrói a ideia de Canudos que era ligado aos ideais da República. Segundo o participante da Festa Literária das Periferias, João Batista S. Lima (2023), é a partir disso que se instaura um outro regime político com mais irmandade e comunitarismo. Assim, qualquer pessoa que chegou no Belo Monte pode trabalhar na terra, ter sua casa própria e ir à escola. João Batista S. Lima afirma que Antônio Conselheiro levou para Arraial de Canudos/Belo Monte professores que ensinaram ao povo. Dessa forma, além da fama que já existia entorno de Antônio Conselheiro de que ele era milagreiro, foi disseminado também mais sobre seus feitos em Arraial de Canudos.

Houve um aumento significativo de pessoas chegando nesse território para construir suas vidas. Com isso, “O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas. A edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer até doze casas por dia” (Cunha, 1984).

Em 1896, ocorreu a primeira expedição militar contra Canudos, o governo enviou suas tropas para controlar o que eles consideravam ser uma rebelião (Costa, 2017, p.13). Porém três campanhas militares foram derrotadas pelos defensores de Canudos, isso fez com que houvesse grande repercussão no Rio de Janeiro que na época era a Capital Federal. Na liderança de Prudente Moraes, primeiro presidente civil, fora feita a quarta e última expedição, liderada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães que contou

[...] com 5.000 homens, mas até junho perde quase 1000 vidas em combates e Artur Oscar solicita reforços ao governo federal. Em agosto, os reforços chegam a Salvador e o total de soldados vai alcançar de 8.000 a 10.000 homens vindos de vários batalhões do exército de todo o país e de quatro batalhões da polícia estadual da Bahia, Pará, Amazonas e São Paulo (Costa, 2017, p. 19).

Em setembro de 1897, o exército dominou os combatentes e depois da morte de Antônio Conselheiro, muitos se renderam. No entanto, sendo combatentes ou não, a maioria foi executada e todas as casas queimadas. Assim, “Centenas de moradores foram degolados após se renderem, inclusive mulheres e crianças. Constituindo um dos maiores horrores já praticados no território brasileiro” (Jornal do Estado de Minas, 2015). Segundo Ariano Suassuna<sup>17</sup>, o período do Arraial de Canudos/Belo Monte foi o momento em

---

<sup>17</sup>Informação obtida por entrevista feita por Ariano Suassuna para Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Ariano

que o Brasil real tentou levantar a cabeça e o Brasil oficial foi lá e cortou essa cabeça.

Os soldados que haviam ido para Canudos eram oriundos de várias partes do Brasil, para receberem o pagamento do Governo Federal após a Guerra, vieram para o Rio de Janeiro, porém não receberam o pagamento.

Esses soldados com a tolerância do Exército passaram a morar no Morro da Providência, local próximo do prédio antigo do Ministério da Guerra. Foi com a ocupação desses soldados que o Morro passou a ser conhecido como “Morro da Favella”. Existem algumas hipóteses de o Morro Providência (Fotografia 2) ter sido denominado dessa forma.

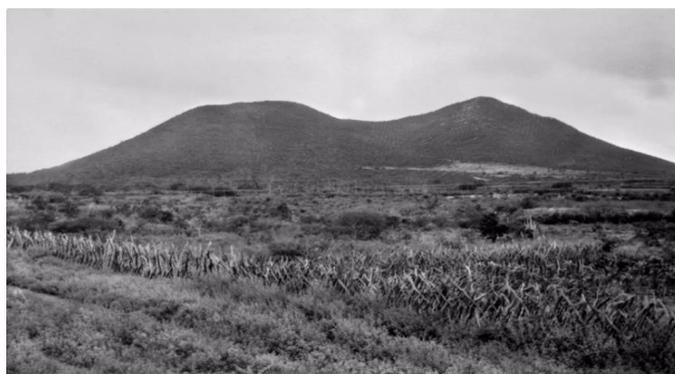
**Fotografia 2** – Morro da Providência - Rio de Janeiro, RJ.



**Fonte:** Maurício Hora, Morro da Providência.

Acredita-se que essa nomeação ocorreu por causa de um morro que havia no sertão do Estado da Bahia que era chamado Favella (Fotografia 3), que fora onde os soldados bombardearam os seguidores de Antônio Conselheiro.

**Fotografia 3** – Morro da Favella em Canudos, Bahia.



**Fonte:** Domingues e Jablonsky, 1957.

---

Suassuna: o arauto dos compadecidos. **IPEA**: desafios do desenvolvimento, ano 8, edição 69, 21 nov. 2011. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2639:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2639:catid=28). Acesso em: 26 out. 2023.

Sabe-se também que favela é o nome de uma planta (Fotografia 4) e que talvez esse morro da Bahia fosse coberto por esta planta e por este motivo, o morro teria recebido o nome de Morro da Favella (Gonçalves, 2013). Pode ter sido por esta razão que os soldados que participaram da guerra de Canudos denominaram o Morro da Providência de Morro da Favella, na época poderia ter a planta favela e/ou por ter o mesmo tipo de contorno geográfico, uma forma similar, ao Morro da Favella.

**Fotografia 4** - Planta Favela (*Cnidocolus quercifolius*).



**Fonte:** Lúcia Kill, Faveleira.

Outra similaridade entre os Morros da Favella e da Providência é “[...] a precariedade de uma realidade marcada pela necessidade de enfrentar a experiência de exclusão, comum às duas localidades” (Pereira, 2023, p. 26) talvez, por mais este motivo, houve a mudança de nomeação do Morro da Providência para Morro da Favela.

É provável que o morro tenha tido o nome de Morro da Providência, depois Morro da Favela e posteriormente volta a ser nomeado de Morro da Providência. O nome de Morro da Favella foi escolhido e gradativamente consolidado por causa da frequência com que aparecia nos noticiários. Salienta-se que a narrativa de que o Morro da Favella seria a primeira favela do Brasil<sup>18</sup>, é rodeado por um imaginário influenciado também por Euclides da Cunha, autor da obra literária *Os Sertões* que relata a Guerra de Canudos, já que os soldados residiram e ainda nomearam o morro (Pereira, 2023). Entretanto, enfatiza-se que mesmo com o desenvolvimento de muitos estudos sobre essa temática nenhum

---

<sup>18</sup> O GLOBO. Primeira favela do Brasil, Morro da Providência completa 120 anos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 jun. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/primeira-favela-do-brasil-morro-da-providencia-completa-120-anos-21378057>. Acesso em 16 out. 2023.

autor consegue afirmar qual foi e quando surgiu a primeira favela, já que existia indícios desse tipo de moradia em outros morros, como o morro Santo Antônio em 1898. O que pode ser afirmado é que o Morro da Providência pode ter se constituído em um dos primeiros assentamentos urbano com condições precárias de moradia e com muitos habitantes.

Assim, ele foi consagrado popularmente como ponto de origem e principal exemplo do fenômeno habitacional que estava surgindo, já que a denominação favela originou-se da nomeação que o Morro obteve naquela época. “A partir da segunda década do século XX, esse termo passou a designar todas as habitações precárias do mesmo tipo espalhadas nos diversos morros da cidade” (Gonçalves, 2013, p. 41). Essas condições precárias são resultantes da tensão que afetou o Rio de Janeiro principalmente no final do século XIX consequência da crise habitacional e das crises políticas advindas com a República. Segundo Pereira (2023), a consolidação das favelas demarca os primeiros anos da República, uma vez que, elas só surgiram pela desatenção dos governos com a demanda da moradia popular e com a população negra que não foi assistida.

O processo de ocupação do Morro da Providência contou também com o êxodo rural da população do nordeste brasileiro para as áreas urbanas<sup>19</sup>. Essas pessoas vinham em busca de uma melhor condição de vida e trabalho. Até os dias atuais pode-se verificar que muitos moradores dos morros trabalharam/trabalham como estivadores no porto e também a construção civil da cidade. Os empregos geralmente são precários e temporários, muitos habitantes do Morro da Providência trabalharam na construção da ponte Rio-Niterói (1968-1974), na reforma e revitalização do Porto Maravilha, que se iniciou em 2009, dentre outros empreendimentos da construção civil.

Segundo o jornal O Globo (2010), foi instalada a 7ª Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)<sup>20</sup> da cidade do Rio de Janeiro, no Morro da Providência em

---

<sup>19</sup> “Para tratar sobre o Rio de Janeiro “nordestino”, focamos no período em que a cidade recebeu o maior contingente migratório: o período entre os anos de 1950 e 1980. Esse processo ocorreu por causa, especialmente, da industrialização do Sudeste a partir da década de 1950, associada à busca por melhores condições de vida distante das grandes secas e da política de desprestígio da Região Nordeste... É importante também mencionar a urbanização e a modernização da construção civil no Rio de Janeiro, com a construção de estradas, metrô etc” (Angelo; Fogaça; Barbosa, 2020, p. 169).

<sup>20</sup> “A estratégia do governo fluminense consiste em promover a ocupação de favelas a partir de operações do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais), para tirá-las do domínio de traficantes ou de grupos armados. Após a ocupação, são instaladas as Unidades de Polícia Pacificadora, que, segundo o governo, visam promover um policiamento preventivo e abrir espaço para que a população local volte a ter acesso a serviços sociais, sejam públicos ou

2010. Depois de quase nove meses da implementação da UPP, no Morro da Providência, moradores relatam poucas mudanças em suas vidas com este tipo de interferência realizada pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Isso ocorre porque problemas como tiroteio, anteriormente não eram recorrentes (UOL, 2010). No entanto, há ausência de saneamento básico, esgoto e coleta de lixo, em várias partes do Morro da Providência, o que continuou e continua a existir é a ausência dos órgãos públicos. (Fotografia 5).

**Fotografia 5** – Foto de um problema sanitário recorrente no Morro da Providência.



O Rio de Janeiro também foi sede das Olimpíadas em 2016 e com isso várias reformas foram feitas na cidade. Uma dessas grandes reformas foi a construção de um Teleférico no Morro da Providência que funcionou por pouco tempo e que, por descuido público, ficou desde dezembro de 2016 sem funcionar. A justificativa para o não funcionamento do teleférico era que o contrato com a empresa prestadora do serviço de manutenção, havia expirado. Atualmente, estão sendo feitas obras para volta de seu funcionamento. Destaca-se essa construção, pois foi por causa dela que famílias foram removidas e suas moradias foram derrubadas. O teleférico também ocupou um terreno onde havia

---

privados (de água a TV a cabo)” (BBC News Brasil, 2010). No entanto, observa-se empiricamente que essas medidas não fizeram com que o domínio do território saísse das mãos dos traficantes, somente que dois poderes coexistissem num mesmo lugar (polícia e tráfico), como ocorre no Morro da Providência e em outras favelas.

uma quadra de futebol. Era na quadra que muitos jovens tinham seu momento de lazer. Estes acabaram sendo cerceados, pois não há mais este espaço de convivência e de esporte, a quadra. Não foi encontrado, no âmbito desta pesquisa, nenhum registro para onde estas famílias foram transferidas, mas acredita-se que a maior parte das famílias retiradas seguem morando no Morro. Eu, como moradora do Morro da Providência conheço uma destas famílias.

## 2.1. Morro da Providência da morte ao recomeço

Em 2008, a história do Morro da Providência foi marcada pelo assassinato de 3 jovens negros moradores (Imagem 1). Essa barbárie ocorreu quando os três rapazes foram detidos na manhã do sábado, 14 de junho de 2008, na praça Américo Brum, onde hoje está localizado o teleférico no alto do Morro da Providência. Os três jovens estavam chegando de táxi de um baile funk no Morro da Mangueira.

Imagem 1 - Jovens assassinados.



Fonte: Programa televisivo, RJ1 – Rede Globo (2023).

Na época, o Morro da Providência estava sendo ocupado por homens do exército, pois estava sendo implementado o Projeto Cimento Social<sup>21</sup> que no primeiro momento realizava obras de revitalização das moradias e vigiavam as reformas dessas casas. Alguns homens do exército que estavam na praça decidiram revistar os três jovens. Houve tumulto e alguns moradores que testemunharam o fato deram entrevistas para a Globo News (2018), afirmando que militares estavam agredindo os jovens. O tenente Vinícius Ghidette de

<sup>21</sup> G1. Exército ocupa morro para obras: setecentos e oitenta casas serão reformadas na favela da Providência. Favelas na Zona Sul e no subúrbio também devem ser reformadas. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 13 dez. 2007. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL216938-5606,00-EXERCITO+OCUPA+MORRO+PARA+OBRAS.html>. Acesso em: 06 out. 2023.

Moraes Andrade resolveu levá-los para o quartel da Companhia de Comando, alegando desacato à autoridade. Ao chegar no quartel, o capitão Ferrari que era o oficial à frente do quartel naquela manhã, discordou do tenente e pediu para que liberasse os meninos. O tenente Andrade estava no comando de três sargentos e sete soldados e disse em depoimento que desobedeceu a ordem do capitão Ferrari de liberá-los. Esse tenente decidiu entregar os rapazes aos traficantes do Morro Mineira, ligados à facção<sup>22</sup> Amigos dos Amigos (ADA) que é inimiga da facção do Comando Vermelho (CV), que atua no Morro da Providência (Folha de S. Paulo, 2008).

Os investigadores afirmam que Wellington (uma das vítimas) foi apontado como bandido do Morro da Providência pelos traficantes do Morro da Mineira (Veja, 2008). No entanto, foi comprovado que os jovens não tinham envolvimento com o tráfico do Morro da Providência e que eram somente moradores do morro. Segundo o jornal Folha de S. Paulo (2008), 46 perfurações foram contabilizadas pelos médicos legistas do Instituto Médico Legal (IML) de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. De acordo com o laudo, Wellington Gonzaga da Costa Ferreira, 19 anos, foi morto com 26 disparos de fuzis e pistolas; David Wilson da Silva, 23 anos, foi baleado 18 vezes; e Marcos Paulo Rodrigues Campos, 17 anos, levou dois tiros. Marcos Paulo Rodrigues Campos foi o primeiro morrer, porque tentou escapar, de mais ou menos, 20 traficantes do ADA. Ele foi baleado por fuzil que destruiu parte de sua cabeça, os outros dois foram torturados com barras de ferro, porretes de madeira e facões, antes de serem assassinados por tiros disparados à curta distância.

Segundo o jornal G1 (2008), os jovens sumiram no sábado, na manhã do dia 14 de junho de 2008, esse desaparecimento gerou uma enorme comoção nos moradores do Morro da Providência. No mesmo dia, na parte da tarde, esses moradores atearam fogo em um ônibus e depredaram pelo menos outros nove. Os moradores protestaram em frente ao batalhão do Comando Militar do Leste em busca de resposta sobre o paradeiro dos jovens. Os protestos dos moradores foram noticiados nacionalmente e internacionalmente. Infelizmente os corpos os

---

<sup>22</sup> Facção criminosa são “[...] grupos em que se verificam relações de solidariedade e gregarismo, que surgiram em presídios brasileiros e foram fundados prioritariamente sob o lema da defesa dos interesses da comunidade carcerária, tendo a prática atos tipificados em lei como crimes como um dos seus modos de atuação dentro e fora dos presídios” (Shimizu, 2011, p. 83 e 84).

rapazes foram encontrados em um lixão no bairro Gramacho na cidade de Duque de Caxias na tarde do dia seguinte, domingo, dia 15 de junho de 2008.

Segundo o RJTV (2023), em 2017 o tenente Andrade seria julgado por um júri popular, mas a Justiça Federal decidiu enviar o caso para a Justiça Militar, depois de uma mudança na legislação. Agora em 2023, depois da análise dos recursos feitos no Ministério Público Federal, o processo chegou a Justiça Militar. O novo juiz irá analisar todo o processo, tudo que foi feito nos últimos 15 anos, havendo a possibilidade das provas, serem ou não validadas. A sentença é dada nesses casos por um conselho formado pelo juiz e 4 militares. Até hoje o exército não abriu um processo disciplinar contra o tenente Andrade que poderia resultar na sua expulsão das Forças Armadas. Os outros militares que participaram foram inocentados. É importante salientar que o tenente Vinícius Ghidette de Moraes Andrade continua trabalhando normalmente no exército, ele cumpriu um ano de prisão por desobedecer a ordem do capitão que tinha ordenado a liberação dos jovens. Enquanto isso, até os dias atuais, as famílias esperam por justiça e por suas indenizações em processos que estão se arrastando pelo tempo de quinze anos (RJTV, 2023).

Ainda em 2008, com a repercussão internacional da morte dos jovens, o artista francês JR resolve vir ao Brasil. Segundo o programa televisivo Caldeirão do Huck (2019), JR desembarca no Rio de Janeiro e vai pela primeira vez ao Morro da Providência, ao subir o Morro uma senhora o alerta sobre os perigos. Ele aproveitou e mostrou para a senhora o trabalho que havia realizado (Fotografia 6 e 7) em outras partes do mundo e disse que gostaria de fazer o mesmo tipo de trabalho no Morro.

**Fotografia 6** – Colagem de fotografias no projeto Face 2 Fase, abaixo está o muro que divide a Palestina e Israel, nas fotografias tem-se misturados tanto palestinos como israelenses.



**Fotografia 7** – Colagem de fotos no projeto Portrait of a Generation.



**Fonte:** JR, Face 2 Face, Separation Wall, Security fence, Palestinian side, Bethlehem, 2007.

**Fonte:** JR, Portrait of a Generation, Bastille, Paris, 2004.

A senhora pede para que ele volte no dia seguinte e diz para ele procurar pela moradora Rosiette<sup>23</sup>. No dia seguinte ele volta e a procura. Ao encontrá-la, ele explica e mostra as imagens dos trabalhos que já realizou. Rosiette diz a JR que lhe apresentaria o fotógrafo do Morro. Foi pelo intermédio desta moradora que JR conhece o fotógrafo Maurício Hora. É a partir deste encontro que eles desenvolvem o projeto “Woman are Heroes<sup>24</sup>” no Morro da Providência, em agosto de 2008.

Para a realização do projeto Rosiette contacta várias moradoras, mulheres do Morro, e pergunta se elas gostariam de contar suas histórias e serem fotografadas. Após elas concordarem, Rosiette formalizava o convite para participarem do projeto “Woman are Heroes”. Assim, as moradoras foram entrevistadas e fotografadas. Outra fase do projeto era encontrar casas que ficam em pontos estratégicos do Morro. Nesta fase, JR e Maurício foram nas casas e perguntavam aos moradores se eles davam permissão para colarem as fotografias do lado de fora de suas casas. A primeira foto impressa foi do tamanho de uma das principais escadarias do Morro da Providência, escadaria essa que leva à Casa Amarela (Fotografia 8).

Segundo JR<sup>25</sup> (2019), para essas colagens ocorrerem foi preciso pedir autorização ao tráfico de drogas. JR relatou que o chefe do tráfico o perguntou sobre: Que mudança isso traria para a favela? Quem financiava? O porque estava fazendo isso? Qual era o poder disso? Qual a mensagem por traz? JR (2019) diz que na época tentou explicar e que mesmo havendo a barreira da comunicação por conta dos diferentes

---

<sup>23</sup> Rosiette que é nascida e criada no Morro da Providência foi presidenta da Associação dos Moradores do Morro da Providência, atualmente ela é presidenta da Liga dos Blocos e Bandas da Zona Portuária. Neste documentário de 2012, Women are Heroes (Brazil), pode-se saber um pouco mais sobre sua vida: <https://www.youtube.com/watch?v=CNzXKEC333c>.

<sup>24</sup>“As mulheres desempenham um papel essencial na sociedade, mas, ao viajar em zonas de conflito, JR percebeu que são muitas vezes as principais vítimas da guerra, do crime, da violação e do fanatismo político ou religioso. A intenção de JR no projeto Woman are Heroes (Mulheres São Heróis [sic]) era sublinhar o papel central das mulheres na sociedade e realçar a sua dignidade, fotografando-as nas suas vidas quotidianas e colando as suas fotografias em locais que fizessem sentido – nas suas aldeias, em cidades próximas, ou no outro lado do mundo” (JR, WOMAN ARE HEROES).

<sup>25</sup> Informação obtida por meio da entrevista concedida por JR à TV Globo no programa do Caldeirão do Huck (2019).

idiomas, disse que o poder da arte era levantar as perguntas e não trazer as respostas. JR respondeu dizendo que não sabia exatamente quais mudanças poderiam ocorrer, que era somente arte. Já sobre quem financiava, JR explicou que os custos do trabalho eram cobertos com a venda das fotografias que ele realizava, e era assim que mantinha os projetos.

Nessa entrevista ao Luciano Huck (2019), JR relata que essa conversa foi uma das mais interessantes que ele já teve. Isso porque quando ele realiza um projeto na França as pessoas perguntam: Quem irá limpar? Isso é um anúncio? Vamos pagar por isso nos nossos impostos? Já no Morro da Providência as perguntas eram pertinentes: Qual o poder disso? Qual a mensagem por traz disso?

Dessa forma, ele conseguiu fazer a colagem na escadaria (Fotografias 8 e 9) e quando estava pronta, todos olharam para foto e pode ser que vários compreenderam o poder que a arte tinha. Depois foram feitas as colagens nas casas (Fotografias 10 e 11). Salienta-se que a colagem feita na escadaria é da senhora Benedita Florêncio Monteiro, avó de um dos jovens assassinados em 2008.

**Fotografia 8** – Colagem da fotografia da Benedita na escadaria do Morro da Providência

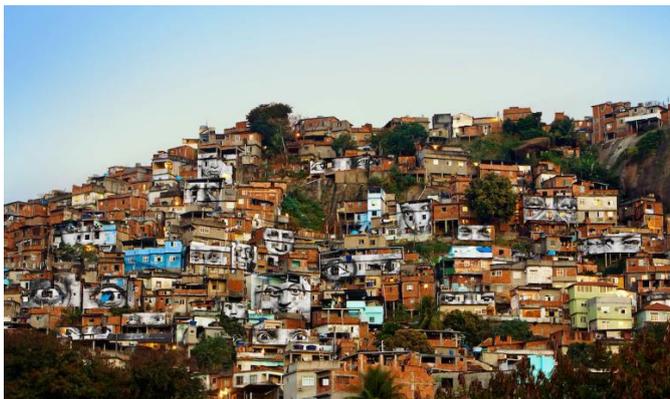


**Fotografia 9** – Fotografia da Benedita junto com a escadaria quando sua foto estava sendo colada.



**Fonte:** JR, *Woman are Hereos*, action in Favela Morro da Providência, Rio de Janeiro, 2008.

**Fotografia 10**– Casas do Morro da Providência que tiveram fotos coladas.



**Fonte:** JR, Woman are Hereos, action in Favela Morro da Providência, Rio de Janeiro, 2008.

**Fotografia 11** – Imagem das fotos coladas em casas do Morro da Providência.



**Fonte:** JR, Woman are Hereos, action in Favela Morro da Providência, Rio de Janeiro, 2008.

Rosiette (2019) nessa mesma entrevista ao programa televisivo Caldeirão do Huck afirma que JR não teria vindo por causa do assassinato dos jovens e sim pelo fato de ter visto um grupo de mulheres lutando pelos direitos à vida, direitos à segurança. Desse modo, elas se tornaram as heroínas da exposição dele.

A junção de JR e Maurício Hora no projeto “Woman are Heroes” faz com que no ano seguinte, 2009, seja fundada a Casa Amarela, tema do próximo capítulo.

### 3. Casa Amarela Providência

#### 3.1 Seus fundadores

A Casa Amarela (Fotografia 11) está situada na Ladeira do Barroso, nº 229 no bairro da Gamboa. Este é o endereço oficial da Casa Amarela que é um Centro de Educação, Arte e Apoio Social localizado na parte mais alta do Morro da Providência. Para escrever sobre a criação e a estrutura pedagógica da Casa Amarela foi necessário pesquisar, inicialmente, sobre alguns fatos da vida e do trabalho realizado pelo fotografo e pesquisador Maurício Hora e pelo artista plástico JR. Foi após a realização do projeto “Woman are Heroes” que Maurício Hora e JR criaram a Casa Amarela, em 2009.

**Fotografia 12** - Foto da Casa Amarela.



**Fonte:** Douglas Oliveira, Casa Amarela, Rio de Janeiro, 2023.

Maurício Hora<sup>26</sup> nasceu em 1968, sua família, tanto materna quanto paterna, é oriunda do Morro da Providência. Maurício Hora (2023) informou na

---

<sup>26</sup> Informações obtidas na mesa: Morro da Favela – A Providência de Canudos, com participação de Maurício Hora, João Batista S. Lima, Luiz Torres e Silvia Capanema; mediação Ellen Costa. O local da realização foi no Auditório Faveleira, Galpão da Ação da Cidadania, Festa Literária das Periferias (FLUP) em 18 out. 2023. Programação disponível em: <https://www.flup.net.br/programacao-2023> Acesso em: 20 out. 2023

mesa da Festa Literária das Periferias (FLUP) que seu pai era “traficante” e que foi preso cedo, mas no final da década de 1970, conseguiu sair do tráfico e tornou-se um “trabalhador”. Maurício Hora (2023) relatou, ainda, ter sofrido discriminação, pois não podia frequentar a casa de seus amigos e nem os amigos iam em sua casa por causa do envolvimento de seu pai com o tráfico de drogas. Mesmo assim, seus amigos, meninos do Morro da Providência, se envolverem mais tarde com o tráfico de drogas e acabaram sendo assassinados. No entanto, os meninos que tinham algum familiar envolvido com o tráfico, muitos deles guardaram distância desta realidade. Segundo informação do Maurício Hora, obtida em entrevista para o programa Caldeirão do Huck (2019), ele começou a fotografar cedo, desde os 13 anos. Além disso, com o incentivo de seu pai, ele começa a trabalhar como ourives. No Morro da Providência havia alguns trabalhos comuns, uma cultura de trabalho, como: sapateiro, ourives, estivador, entre outros.

Maurício Hora foi ourives por 19 anos, com o que ganhava conseguia comprar seus equipamentos fotográficos e manter financeiramente os custos dos filmes e das revelações de suas fotografias. No entanto, Maurício Hora não podia usar livremente uma máquina fotográfica em seu território, no Morro da Providência, por causa da polícia e do tráfico de drogas. Segundo Diegues (2016), que realizou entrevista com Maurício Hora, informa que no ano de 1991, uma detetive da Polícia Civil morre no Morro da Providência, pois ela estava fotografando o local. Essa morte seria uma resposta dada pela Operação Mosaico<sup>27</sup> que ocorreu em 1988. Foi por causa deste fato que todos receavam usar uma câmera fotográfica em “todo perímetro da Zona Portuária”. Só a imprensa poderia tirar fotos quando acompanhada da polícia. Se pode verificar que há várias condutas que não são permitidas até hoje nas favelas por causa do tráfico e da polícia, como retratado em um vídeo no Instagram *Nunca faça isso na CDD*<sup>28</sup>(2023).

Já no final de 1994, Maurício Hora conversa com a Rosiette, que comenta sobre o aniversário de 100 anos do Morro. A partir deste comentário, Maurício

---

<sup>27</sup> COELHO, Camillo. Operação Mosaico: Polícia Federal em combate ao tráfico. **Jornal Extra**, 22 mar. 2009. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/bau-do-crime/operacao-mosaico-policia-federal-no-combate-ao-trafico-399218.html>. Acesso em: 12 nov. 2023.

<sup>28</sup> BREAK, Th; GBZIN. **Nunca faça isso na CDD**. Rio de Janeiro, 6 out. 2023. Instagram: @iae.break e @gbz7n\_. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CyEBKGrLRYG/?igshid=MzRIODBiNWFIZA>. Acesso em 07 nov. 2023.

Hora começa a pesquisar sobre a história do Morro da Providência. Ele observou, em sua investigação, que só havia fotos antigas, do passado do Morro da Providência, nenhuma que o revelasse como era nos anos de 1990. É nesse momento que ele observa a necessidade de começar um trabalho fotográfico atualizado. No início, as fotografias foram feitas com a permissão do tráfico e com muito cuidado.

Salienta-se que mesmo com esse empecilho, Maurício Hora usava suas fotos também em prol da melhoria do Morro da Providência. Diegues (2016), afirma que:

[...] como já tinha interesse pela fotografia, começou a tirar fotos da região e enxergou a fotografia como uma arma de denúncia sobre o descaso da Prefeitura em relação à favela. Ele comentou que resolvia os problemas do bairro com uma simples foto, denunciando a queima do lixo, os problemas de saneamento. Porém, em razão disso foram aparecendo outros problemas, como a Polícia que o “marcava” com o seu trabalho fotográfico (Diegues, 2016, p. 51).

No final de 1996, Maurício Hora começou a trabalhar com a imprensa. Isso possibilitou revelar as fotografias com uma melhor qualidade, ter uma carteira que comprovava seu vínculo com a imprensa e comprovar sua função como fotógrafo. Esta carteira que lhe dava muitos acessos, também apresentava um perigo a sua vida, já que dependendo do lugar, não era permitido fotografar, muito menos ser da imprensa, pois isto trazia riscos de se registrar algum ato ilícito da polícia e revelar quem trabalhava com o tráfico de drogas.

Após, três anos da conversa com a Rosiette, em 1997, se comemorou os 100 anos de Morro da Providência com uma exposição fotográfica “simples”, segundo Maurício Hora (2023), porém houve grande repercussão. Segundo Diegues (2016), essa exposição foi levada por um estudante francês para ser exposta em diversas universidades de arquitetura francesas. No início de 1998, Maurício Hora fez uma matéria para o RJTV, sobre o Morro da Providência. O chefe do tráfico do Morro, que estava preso, assistiu ao programa no dia. O chefe foi parabenizado na cadeia pelos seus colegas prisioneiros. A partir deste momento, Maurício Hora teve acesso, com a permissão do tráfico, para fotografar todo o Morro da Providência.

Depois disto, Maurício Hora recebeu um convite para realizar a mesma exposição que havia feito nos 100 anos de Morro da Providência no antigo prédio do Centro Cultural José Bonifácio atual Museu de História e Cultura Afro-

Brasileira (MUHCAB) localizado no bairro da Gamboa, próximo ao Morro da Providência. Maurício Hora convida Luiz Torres, que sugere a Maurício Hora o resgate do nome Morro da Favela para sua exposição. Nessa mesma mesa, Maurício Hora (2023) informou que o Morro da Providência foi a favela que emprestou seu nome para todas aquelas que tinham uma estrutura socioeconômica similar, porém nesse processo o próprio Morro perdeu seu nome, Morro da Favela. Assim, com essa sugestão de retomar o antigo nome do Morro em sua exposição, Maurício Hora resgata a memória da sua favela e da cidade do Rio de Janeiro.

Essa exposição no antigo Centro Cultura José Bonifácio teve repercussão ao torna-se um dos pontos de reivindicação para o Morro da Providência, pois este não foi beneficiado no programa Favela-Bairro na gestão de Cesar Maia em 1998 (Diegues, 2016). “Isto gerou uma guerra entre os serviços públicos em relação ao seu trabalho” (Diegues, 2016, p. 51), com essas denúncias Maurício Hora percebeu a potência que eram suas fotografias como instrumento de transformação em relação aos problemas públicos do seu território.

Segundo Diegues (2016), foi assim que Maurício Hora participou de algumas reuniões, como a da apresentação dos projetos de reurbanização que a prefeitura fez junto com alguns investidores para Associação dos Moradores do Morro da Providência. Ao mostrar algumas imagens sobre a precariedade em que a região se encontrava, Maurício Hora reparou que os empresários se assustaram. Ele enfatizou que não adiantava apresentar um grande projeto urbano sem compartilhar os benefícios com os mais necessitados. Desta forma, a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro o convidou junto com alguns moradores influentes para discutir propostas que atenderiam e beneficiariam esse território. Maurício Hora sugeriu o projeto da Vila Olímpica e uma escola de ensino médio para atender aos jovens, ambas reivindicações foram atendidas. (Diegues, 2016).

Após a exposição no prédio José Bonifácio, Maurício Hora foi convidado a ministrar oficinas de fotografia. Lá no prédio já havia equipamentos para a realização destas oficinas, porém este projeto foi interrompido com a morte do detetive em 1991. Aos poucos Maurício Hora (2023) vai ocupando com seus estudantes o território que anteriormente não poderia ser fotografado. Foram registrando, resgatando e fazendo com que mais pessoas conhecessem o território e o cotidiano dos moradores do Morro. Muitos destes habitantes eram

trabalhadores no Porto do Rio de Janeiro. Maurício Hora sempre esteve presente e em contato com os moradores da sua favela. Com todo trabalho desenvolvido por pesquisa e acervo fotográfico pode-se compreender que ele seja a pessoa que se dedica a mais tempo ao território da Zona Portuária.

Outra pessoa importante para fundação da Casa Amarela junto com Maurício Hora é o artista plástico Jean René, conhecido pelas iniciais de seu nome artístico, JR. Nascido em 1983 e criado num subúrbio pobre de Paris, JR passou a adolescência grafitando as iniciais de seu nome pelas ruas da cidade, ele era constantemente detido pela polícia por causa desses grafites. Sua vida mudou quando JR encontrou uma câmera fotográfica velha no metrô de Paris. Foi a partir desse momento que no lugar de grafitar, ele passou a registrar as ações de grafiteiros pela cidade e pelo subúrbio de Paris. Aos 17 anos, ele colava as imagens em lambe-lambes, por toda cidade (Revista GQ, 2019). Desta forma, realizava exposições a céu aberto por toda Paris.

Em 2004, JR criou a série *Portraits of a Generation*, que consistia em grandes retratos impressos colados nas ruas de Paris. Segundo a revista GQ (2019), a proposta era levar a arte para as pessoas que não vão até os museus. Dentro desse contexto, uma revista francesa tenta contratá-lo para fotografar as manifestações populares que tiveram início em 2005 provocadas pela morte de dois garotos que ao saírem do jogo de futebol com seus amigos, eles ouviram a sirene da polícia e correram para se esconder. Eles se esconderam em um transformador da companhia francesa de energia, que os levou a morte, eletrocutados. Isso gerou uma onda de protesto, visto que, já havia uma tensão anterior com os abusos polícias com diversos jovens do subúrbio.

A revolta começou na quinta-feira da semana passada depois que os adolescentes Bouna Traore, de 15 anos, e Zyed Benna, de 17 anos, filhos de imigrantes, morreram eletrocutados por acidente em uma estação de energia quando, segundo testemunhas, fugiam da polícia. Desde então, os confrontos entre jovens dos subúrbios pobres e a polícia vêm ganhando terreno a cada noite, expondo o que os analistas têm rotulado como um óbvio fracasso de sucessivos governos em lidar com os problemas sociais dos subúrbios pobres e habitados majoritariamente por imigrantes africanos vindos das ex-colônias da França na África. O próprio ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, afirmou nesta sexta-feira que os problemas

que estão na origem da violência nos subúrbios de Paris foram negligenciados nos últimos 30 anos (BBC Brasil, 2005).

O interesse por JR é pelo fato que os fotógrafos da imprensa não conseguiam registrar estas manifestações, por não conseguirem entrar nos subúrbios onde ocorriam os protestos. Assim, JR que já registrava o cotidiano dos moradores do subúrbio poderia conseguir fotografar as manifestações (Caldeirão do Huck, 2019).

Na época a opinião dos franceses ficou dividida e os jovens envolvidos nas manifestações foram vistos com preconceito, por serem marginalizados por estarem reivindicando direitos. JR nega o trabalho e faz o oposto do que a revista desejava, uma vez que, no lugar de retratar os jovens do subúrbio apenas como marginais protestando ou corroborando com o estereotipo dos bairros como perigosos, JR espalha fotos de cenas comuns ou apenas o rosto de franceses por bairros nobres de Paris. Junto dessas fotos ele escreve o nome e o endereço das pessoas. Dessa forma, JR tentou humanizar as pessoas destes subúrbios as mostrando como pessoas comuns como qualquer outro francês (Caldeirão do Huck, 2019). A sua arte começa a mexer com a França e depois com o mundo ao usá-la para apoiar causas humanitárias como: vítimas de guerra, imigrantes e a luta por direitos, isto em diversos países pelo mundo, já que seus trabalhos foram desenvolvidos no Brasil, Mexico, EUA, Libéria, Quênia, entre outros.

Em 2011, JR ganhou o prêmio TED de uma organização norte-americana conhecida por conferências inovadoras com a temática de disseminar ideias que merecem ser divulgadas. O prêmio no valor de um milhão de dólares (El País, 2017) que:

Com ele, o artista lançou o projeto Inside Out, uma iniciativa que permite a qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo enviar a JR sua foto para que o artista a devolva impressa e pronta para ser colada na parede. Aos seis anos de existência, é considerado o maior projeto artístico e participativo do mundo. Já foram recebidas e impressas cerca de 400.000 fotografias em 129 países. O sonho continua sendo o mesmo que JR mencionou em sua conferência após receber o prêmio: “Quero usar a arte para virar o mundo pelo avesso” (El País, 2017).

Segundo o site de JR<sup>29</sup>, *Can Art Change the World?* é uma organização criada por JR sem fins lucrativos. O objetivo desta organização é dar continuidade aos projetos artísticos de JR, utilizando-se do poder da arte, cultura e educação para trazer consciência e mudança social. As atividades principais desta organização são *Inside Out Project* (estúdio e caminhões para receber e imprimir fotografias), Casa Amarela Providência (Centro de Educação, Arte e Apoio social no Morro da Providência), École Kourtrajmé (escola gratuita de cinema e artes no subúrbio de Paris) e Refettorio Paris (cozinha social de chefs e artistas com o intuito de reduzir o desperdício alimentar e trazer boas refeições para que pessoas em vulnerabilidade social possam se sentir valorizadas e acolhidas).

Segundo o jornal El País (2017), a Casa Amarela é financiada por doações anônimas e com dinheiro que JR ganha com suas obras artísticas privadas, este trabalho privado é 1% de tudo o que ele desenvolve. No entanto, movimentada dezenas de milhares de dólares, por exemplo “[...] uma única foto dele, montada em alumínio, foi vendida por 25.000 dólares (cerca de 80.000 reais), segundo a casa de leilões de arte Sotheby’s, e as litografias de seus projetos não são avaliadas em menos de 800 euros” (El País, 2017). Por causa do JR e a visibilidade que tem seus trabalhos, a Casa Amarela foi visitada por Madonna, Anitta, Luciano Huck, Pharrell Williams, Lewis Hamilton, entre outros.

### **3.2. A Casa Amarela – Estrutura pedagógica e ações no Morro da Providência**

A Casa Amarela<sup>30</sup> é um Centro de Educação, Arte e Apoio Social, pois promove o desenvolvimento de atividades em diversas áreas da educação, humana e no espaço de moradia dos habitantes do Morro da Providência.

---

<sup>29</sup> JR. *Can Art Change the World?*. Disponível em:

<https://www.canartchangetheworld.net/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

<sup>30</sup> Informações obtidas do site oficial da Casa Amarela. CASA AMARELA. **Quem somos**. Rio de Janeiro, RJ, 2023. Disponível em: <https://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/sobre-nos>. Acesso em: 09 nov. 2023.

Assim, possibilita o desenvolvimento de ações voltadas para o próprio território, por meio da educação, arte e cultura com um viés antirracista, afirmando os valores civilizatórios afro-brasileiros. Por exemplo, na área da educação, alfabetiza e ao mesmo tempo realiza atividades de letramento racial para as crianças e jovens; na área da arte, promove exposições com fotografias sobre as atividades da Casa Amarela, do cotidiano do Morro e de seus moradores, alguns desses moradores já tiveram lambe-lambe colados pela favela; na área da cultura realiza apresentações de dança afro, hip hop e música em diversos espaços do Morro, fora da Casa Amarela. Dessa forma, suas atividades de ensino contribuem para reduzir os danos causados pela ausência do Estado. Observa-se a falta do Estado na promoção de ações na área da educação, cultura, lazer, na geração de emprego, de atividades para a sociabilização e de políticas públicas voltadas para seus moradores.

O nosso espaço oferece atividades educacionais, artísticas e culturais, cursos profissionalizantes e de formação e colabora com a construção dos conhecimentos e saberes, baseados em evidências científicas como fruto do trabalho de pesquisa, incentivando à valorização territorial e cultura local (Casa Amarela, 2022 ou 2023).

Atualmente são atendidas cerca de 120 famílias e uma média de 150 viventes<sup>31</sup>. Essas oficinas e aulas são desenvolvidas majoritariamente por educadores, moradores, ativistas, produtores e artistas do Morro da Providência, do entorno ou por moradores de outras favelas.

O propósito da Casa Amarela é apoiar as diversas iniciativas focadas na educação, arte ou de cunho social para que haja o desenvolvimento dos seus viventes. Na Casa Amarela os viventes são divididos em grupos de acordo com a faixa etária, as crianças de 3 a 7 anos são denominadas de Kekerê<sup>32</sup>, as de 8 até os 13 anos de Erês<sup>33</sup> e os jovens de 14 até 21 anos são chamados de Somodé<sup>34</sup> e os mais velhos são chamados de Adultos. Independentemente de qual grupo se faça parte é fundamental o bem estar

---

<sup>31</sup> Termo utilizado para definir os alunos da Casa Amarela.

<sup>32</sup> Kekerê é uma palavra em ioruba e significa pequeno em português (Google tradutor).

<sup>33</sup> Erês é uma palavra em ioruba e significa criança em português (Google tradutor).

<sup>34</sup> Somodé é uma palavra em ioruba e significa jovem em português (Google tradutor).

social para todos que fazem parte de qualquer iniciativa realizada por este Centro Educativo.

Sua visão é que o Centro de Educação, Arte e Apoio Social torne-se referência no movimento social que atua dentro do Morro da Providência. Isso terá ligação direta com a promoção de um espaço socioeducativo de qualidade, com articulações territoriais sustentáveis e coerentes com a responsabilidade social existente na Casa Amarela. Assim, os valores que a Casa garante são:

[...]um espaço de respeito às diversidades e combate às desigualdades sociais, comprometidos com a educação para as relações étnico-raciais. Valorizamos memórias e tradições locais que podem contribuir com a melhoria de vida dos moradores do Morro da Providência (Casa Amarela, 2022 ou 2023).

Os Pilares que permeiam todo trabalho realizado é a

Educação para a emancipação dos sujeitos; expansão das perspectivas de existência com liberdade e autonomia; valorização das memórias e tradições locais; o respeito às diversidades e combate às desigualdades; incentivo à valorização territorial e cultura local (Casa Amarela, 2022 ou 2023).

É a partir dessa perspectiva que os educadores da Casa Amarela têm autonomia nos desenvolvimentos de seus trabalhos em suas respectivas áreas, mas levando sempre em conta o propósito, visão e pilares da Casa. Salienta-se que os educadores não tem vínculo empregatício, assim, a Casa auxilia financeiramente somente no desenvolvimento das atividades e com ajuda de custo para os educadores.

As atividades realizadas são diversificadas, como: boxe; música; dança afro; hip-hop; inglês; alfabetização; letramento racial, estudo sobre as relações étnico-raciais; skate; informática; entre outras. Para que se possa alinhar essas ações são realizadas reuniões periódicas, trimestralmente, com todos os educadores e com a coordenadora pedagógica, Talita Milanez; o coordenador geral Ernani Ferreira; o responsável pelo audiovisual, Douglas Oliveira; o responsável pela administração e logística, Lucas Pereira; auxiliar de serviços gerais,

Marcia Adriana, a pedagoga Gaby Makena e as co-diretoras Tiphanie Constantin e Nina Soutoul (Casa Amarela/Nós da Casa, 2022 ou 2023).

Nestas reuniões os educadores expõem seus desafios em sala de aula, suas ideias, seus desenvolvimentos com os *viventes* e suas demandas. A coordenação da Casa reforça os objetivos da instituição tanto pedagógico quanto das atividades que ocorrem durante o ano, são lidos textos para reflexão das práticas. Há a atualização da situação de cada vivente, são elaborados questionários para serem respondidos pelos educadores. Assim, a direção e coordenação da Casa Amarela pode verificar melhor as demandas e como estão sendo desenvolvidas as atividades de cada prática. Vale ressaltar que esses encontros trimestrais são realizados dividindo o grupo, um é com os educadores que dão aula para crianças/adolescentes juntos e o outro é com os educadores dos adultos.

Os educadores de cada atividade têm reuniões com a coordenadora pedagógica Talita Milanez com maior frequência para que se possa compreender, desenvolver e resolver as demandas daquela atividade com o apoio da administração e coordenação da Casa Amarela. Um exemplo ocorreu com as aulas de música que ministro, em uma reunião foi solicitado que os violinos fossem consertados.

A Casa Amarela também investe bastante na formação continuada de seus educadores. É oferecido um curso periodicamente para possibilitar o fortalecimento das práticas realizadas dentro da Casa, visando abordar os diversos conflitos relacionados às questões étnico-raciais. Este curso, realizado anualmente durante o período de 6 meses, é denominado Letramento Racial e teve seu início em 2020. Os educadores, coordenares e diretores se debruçam em estudar e compreender mais o território do Morro da Providência, suas práticas e seus atravessamentos como as ausências de políticas públicas e os porquês dessas ausências, o racismo e suas diferentes formas de se manifestar na sociedade brasileira e no cotidiano dos viventes. A Casa Amarela contrata professoras especializadas nas questões étnico-raciais para oferecerem o curso. É por meio destas aulas que há a possibilidade de reavaliar as práticas que são realizadas na Casa Amarela com os seus viventes, potencializando o que é feito no cotidiano.

É no mês de novembro que a Casa Amarela realiza por cinco dias o *Festival Novembro Negro* com eventos, apresentações das atividades da Casa, além de ter convidados, oficinas, exposições, debates, entre outros. O mês, os dias escolhidos, todo o cronograma e nome do Festival é organizado de acordo com o dia da Consciência Negra<sup>35</sup>. Nestes dias de Festival, os educadores da Casa Amarela têm a possibilidade de apresentar à toda favela o trabalho elaborado, no período de um ano, com seus viventes. Geralmente estas apresentações ocorrem no Largo do Cruzeiro, ponto mais alto do Morro da Providência, mas neste ano, 2023, foram realizadas também no Museu de História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB).

A Casa Amarela fica de portas abertas para receber todos que queiram prestigiar sua agenda. No entanto, o intuito do Festival vai além de mostrar o que é ensinado e construído pedagogicamente na Casa, uma vez que, celebra e reflete sobre temas como o racismo, as vitórias, lutas e toda contribuição dos negros na formação social, cultural, política e econômica do Brasil.

### **3.3. Coletivos da Casa Amarela**

Na Casa Amarela existem coletivos como o de Mulheres Independentes da Providência (MIP), Quilombo da Provi e Coletivo Jovens da Lua. O MIP é um coletivo de mulheres, mães, empreendedoras e donas de casa moradoras do Morro da Providência (Mulheres Independentes do Morro da Providência, 2022). Este coletivo que incentiva a socialização de suas participantes, tem como propósito profissionalizar, capacitar, investir na autonomia financeira e de autocuidado, construindo um vínculo das mulheres do Morro da Providência com o mercado de trabalho. Para tanto, são promovidos

---

<sup>35</sup> “O Dia Nacional da Consciência Negra homenageia e resgata as raízes do povo afro-brasileiro e é comemorado no Brasil no dia 20 de novembro. Esta data foi restabelecida pelo projeto lei número 10.639, no dia 9 de janeiro de 2003, porque coincide com o dia 20 de novembro de 1695, dia da morte de Zumbi dos Palmares, grande líder da resistência negra e da luta pela liberdade [...] Este dia é dedicado de modo especial à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira e sobre a influência do povo africano na formação cultural do nosso país” (Portal Geledés, 2012).

cursos de artesanato, culinária, costura, modelagem, aromaterapia, bio-cosmetologia, moda ética [sic], macramê, massoterapia, dentre outros. A criação deste coletivo foi impulsionada pela relação de afeto com as mães das crianças atendidas na Casa, mas atualmente atende as mulheres de toda a favela (Mulheres Independente do Morro da Providência/Cursos, 2022). Desta forma, esse coletivo dedica-se a mulheres do Morro da Providência visando o desenvolvimento econômico, que pode possibilitar novas conquistas e inserções sociais. O coletivo as potencializa para além dos cursos oferecidos, uma vez que, elas também podem fazer aulas de inglês, matemática e alfabetização.

O Coletivo Quilombo da Provi, surge como resultado das práticas aplicadas nas aulas de dança afro, em 2018. Esse coletivo inicialmente foi criado para combater o racismo e intolerância religiosa. Desta forma, realizava apresentações para os moradores do Morro da Providência. A finalidade era provocar a reflexão, promover atitudes de respeito e empatia com as religiões de matrizes africanas. Aos poucos, o Quilombo da Provi com o intuito de aumentar o diálogo com os moradores, faz performances cênicas que promovem diálogos sobre os aspectos político e sociais. Neste coletivo, o grupo que participa são os Erês (por volta de 8 a 13 anos), eles recebem acolhimento para poder abraçar suas subjetividades e se potencializar dentro da compreensão sobre si. Isso ocorre com o desenvolvimento de recursos estratégicos e psicológicos para a proteção dos impactos causados nas crianças no enfrentamento com uma sociedade racista, excludente e que segrega as crianças do Morro (Casa Amarela/Coletivos, 2022 ou 2023).

O coletivo Jovens da Lua está atualmente passando por reformulações em sua estrutura pedagógica para que possa atender os objetivos dos jovens do Morro da Providência. Atualmente, não se tem mais informações sobre este coletivo. (Casa Amarela/Coletivos, 2022 ou 2023).

### **3.4. Pista Santo Skate: outro espaço educativo no Morro da Providência**

A aula de skate entrou no currículo pedagógico da Casa Amarela em 2019. Segundo o site da Casa Amarela, as aulas de skate atuam como um transformador social. Um dos fatos observados foi a mudança de comportamento, os viventes do grupo do Erê, se expressam com mais respeito e cuidado com os colegas. Verificou-se, também, que ao saberem lidar melhor com as determinações e solicitações do professor, os viventes observavam melhor as regras de convivência estabelecidas pela Casa Amarela, entre outros. No entanto, no Morro da Providência não existia uma pista de skate o que precarizava o trabalho desenvolvido pelo professor Vinícius Martins. A partir disso, veio a ideia de construir uma pista de skate no Morro.

A pista foi construída no Morro da Providência pela Tangente Skateparks e foi inaugurada em agosto de 2022. Esta pista é a realização da junção do projeto Santo Skate, desenvolvido pelo professor Vinicius Martins com a Casa Amarela. Segundo o site da Casa Amarela, com essa pista busca-se garantir o direito de jovens e adolescentes de terem acesso ao esporte, lazer e a educação que vem junto com a prática do skate, mas com qualidade. Assim, os viventes que participam recebem skate, sapato, proteção e pista apropriada para essa prática.

Outras comunidades também são convidadas a irem conhecer e utilizar a pista de Skate no Morro da Providência, como os jovens e crianças do projeto da ADEMAFIA, que também desenvolve o trabalho de educação por meio do skate, no Morro do Santo Amaro, na Glória. Assim, a pista atende as crianças dentro e fora do Morro da Providência.

Essa pista também é utilizada para ocupações culturais, como no *Festival Novembro Negro*, que ocorreu em 2023 e a Casa Amarela também promove sessões de cinema projetados na pista de skate para as crianças da favela.

### **3.5. Residência artística e intercâmbio cultural**

Segundo o site da Casa Amarela, artistas nacionais e internacionais podem fazer residência artística em seu espaço, no Morro da Providência. É necessário se candidatar para fazer a residência e é verificado se a proposta artística está alinhada com a proposta pedagógica da Casa Amarela. Isto ocorre quando há articulação dos trabalhos artísticos dos residentes com os projetos já estabelecidos no cotidiano dos viventes. Assim, essa inter-relação pode ocorrer por meio de oficinas educativas ou artísticas que na maioria das vezes se expande para outros espaços do Morro da Providência. Atualmente, esse processo de realização de residência está em fase de reelaboração, para adequar ainda mais aos objetivos da Casa Amarela e dos artistas. O intuito é prover ambas partes com mais satisfação.

Em 2020, foi realizado o primeiro intercâmbio cultural da Casa Amarela. Este intercambio consistiu em levar os jovens e alguns educadores da Casa para conhecer algumas comunidades ribeirinhas, na Amazônia. O propósito era valorizar a cultura, desenvolver o respeito e possibilitar que conhecessem outras culturas, neste caso era majoritariamente indígena. Após a viagem, foram realizadas ações para que pudessem relatar sobre o que foi aprendido durante a viagem e de como este contato poderia mudar algumas perspectivas que eram pré-estabelecidas sobre as lutas e a forma como vivem essas pessoas. Esta viagem foi realizada financeiramente por doações (Casa Amarela/O que fazemos/Intercâmbio cultural, 2022 ou 2023).

### **3.6. Inside Out Rio com a Casa Amarela**

*Inside Out Project* é um projeto que já alcançou muitos lugares do mundo como: França, Gana, Iraque, Nicarágua, Venezuela, Alemanha, Estados Unidos, entre outros. Este projeto é realizado de maneira que os participantes compartilham seus retratos e fazem uma ação em prol de suas lutas, representações, cultura, arte, educação, política e afins. Dessa forma, tornou-se uma maneira pela qual as pessoas contam suas histórias e também transformam mensagens de identidade pessoal em

obras de arte pública (Casa Amarela/O que fazemos/Inside Out Project Rio 2022 ou 2023).

O *Inside Out Project* consiste em cabines fotográficas e impressoras dispostas na rua (Fotografia 12). Assim, os participantes entram na cabine e se um profissional tira sua foto, em um minuto um pôster preto e branco é impresso com o retrato que foi tirado. Os participantes podem colar esses pôsteres em espaços públicos. Esses retratos impressos instantaneamente são gratuitos (Casa Amarela/O que fazemos/Inside Out Project Rio, 2022 ou 2023).

**Fotografia 13** – Foto do veículo onde as cabines fotográficas e impressoras estão localizadas.



**Fonte:** Casa Amarela, Inside Out Project Rio, 2022 ou 2023.

Para realizar este trabalho no Rio de Janeiro as pessoas que não participam da Casa Amarela e que tem interesse em participar do projeto, é necessário fazer um orçamento financeiro prévio. Salienta-se que o Inside Out Project não se vincula a marcas, patrocínio ou campanhas de marketing e que a equipe que trabalha nas fotografias e impressões são pessoas qualificadas, em sua maioria são moradores do Morro da Providência e funcionários da Casa Amarela (Casa Amarela/O que fazemos/Inside Out Project Rio, 2022 ou 2023).

### **3.7. Valores civilizatórios afro-brasileiros**

O estudo sobre Letramento Racial realizado na Casa Amarela tem o intuito de possibilitar aos seus participantes uma compreensão dos processos históricos da cidade do Rio de Janeiro e do Morro da

Providência em relação às questões políticas, sociais, econômicas, étnico-raciais que envolvem os negros e o racismo. A Casa Amarela pedagogicamente é guiada pelos valores civilizatórios afro-brasileiros que foram desenvolvidos pela educadora Azoilda Loretto da Trindade (1957- 2015), também conhecida como Azo, mulher negra, militante, educadora e acadêmica, merece destaque pela contribuição na área da educação e pela luta contra o racismo no Brasil.

Segundo Trindade (2005), os valores<sup>36</sup> civilizatórios afro-brasileiros são: *energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade*. O primeiro princípio é o do Axé que é a chamada energia vital,

[...] tudo que é vivo e que existe, tem axé, tem energia vital: planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação. Imaginem se nosso olhar sobre nossas crianças de Educação Infantil [sic] forem carregados da certeza de que elas são sagradas, divinas, cheias de vida. Podemos trabalhar a potencialização deste princípio nas nossas crianças... Elogios, um afago, brincadeiras de faz-de-conta, nas quais elas se sintam a mais bela estrela do mundo, a mais bela flor, alguém que cuida, alguém que é cuidado. Um espelho para que elas se admirem, para que brinquem com o espelho, e se habituem a se olhar e a serem olhadas com carinho e respeito (Trindade, 2005, p. 33)

A *oralidade* é um dos valores, já que a fala é carregada de sentido e marcas de nossa existência. Azoilda Loretto da Trindade sugere que cada um dos alunos e alunas torne-se contador de histórias, compartilhadores de saberes, memórias, desejos, fazeres pela fala, uma vez que, falar e ouvir pode ser libertador para um povo que por muitas vezes foi/é silenciado. Tem-se a *circularidade*, pois o movimento circular da roda aponta o movimento, para renovação, para um processo coletivo. Pode-se notar este valor está presente na roda de samba, de capoeira, rodas de conversa, as tradicionais rodinhas na Educação Infantil, nas reuniões pedagógicas, nas reuniões dos responsáveis, entre outros (Trindade, 2005).

É com o corpo que vivemos, existimos, assim, a *corporeidade* é fundamental para um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil. Neste sentido, é necessário possibilitar construções, produções de saberes, conhecimentos coletivizados ao cuidar do corpo, aprender a massageá-lo, tocá-

---

<sup>36</sup> Para dar destaque aos valores civilizatórios detalhados por Azoilda Loretto da Trindade, optou-se por colocá-los em itálico.

lo, senti-lo, respeitá-lo. Isto é um desafio no trabalho pedagógico com a Educação Infantil ao conscientizar o dançar, brincar, rolar, pular, tocar, observar, cheirar, comer, beber, escutar (Trindade, 2005).

Segundo Trindade (2005), a música é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos, pois não se vive sem dançar, sem cantar e sem sorrir. A brasilidade é constituída com o gosto pelo som, pelo batuque, pela música, pela dança, por meio da *musicalidade*. Ela sugere que se ouça músicas que falem de nossa cultura, que desenvolvam o gosto por música.

“A *ludicidade*, a alegria, o gosto pelo riso pela diversão, a celebração da vida” (Trindade, 2005, p. 34). Isso é apresentado pelo povo negro por sua vontade de viver e suas diversas formas de manifestar sua cultura, junto com força de lutar contra o racismo e suas formas de violência que cerceia direitos básicos. Azoilda Loretto da Trindade sugere que brinquemos na Educação Infantil, que se promova muitas brincadeiras e celebrações à vida. O último valor civilizatório afro-brasileiro é a *cooperatividade*. Segundo Trindade (2005), os negros não sobreviveriam se não tivessem a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro.

A vida e obra de Azoilda Loretto da Trindade é referência para os trabalhos desenvolvidos na Casa Amarela. Segundo Silva (2021), Azoilda proporcionou a formação de várias organizações do Movimento Negro como: o grupo Palmares (1971); a Sociedade de Intercambio Brasil África (1974); Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (1975); Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (1978), entre outros.

Uma das grandes preocupações de Azoilda era como lidar com nossas crianças nos espaços de ensino que não valorizam a cultura afro-brasileira e os tantos corpos negros inseridos nos cotidianos escolares que não tinham suas subjetividades valorizadas e visibilizadas (Silva, 2021, p.46).

Assim, Azoilda atuou em diversos lugares e contribuiu para a criação e implementação da Lei 10.639/03<sup>37</sup>, que trata do ensino

---

<sup>37</sup> "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à

obrigatório da história e cultura afro-brasileira na educação básica. Segundo Silva (2021), ela fez parte do A Cor da Cultura, único projeto em âmbito nacional, referência na formação de professores para desenvolvimento do ensino étnico-racial no país. Com o intuito de revelar o olhar do povo africano e diaspórico, por meio dos valores civilizatórios afro-brasileiros que podem compor uma educação antirracista dentro e fora dos espaços escolares (Silva, 2021). Assim,

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são princípios e normas que constituem nossa existência no âmbito de nossas subjetividades e coletividades que forjam estratégias para nossas ações e posicionamentos nas esferas cotidianas (Silva, 2021, p. 55).

Todos os trabalhos realizados na Casa Amarela têm como base os valores civilizatórios destacados por Trindade (2005) e

[...] se propõe a pensar uma educação que valorize os sujeitos e priorize a diversidade de saberes e vivências, identificando os agentes que atuam dentro de um sistema educacional e que, nos dias de hoje, ainda sofrem com o racismo estrutural, ressaltando que esta é uma busca constante daqueles que se propõem a serem antirracistas (Silva, 2021, p. 17).

É com esta perspectiva dos valores civilizatórios (Trindade, 2005) que no próximo capítulo é apresentado o trabalho de educação musical desenvolvido com o grupo Erês.

---

História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'"(Diário Oficial da União, 2003).

#### 4. Relato de apresentações realizadas em 2023 – Belmond Copacabana Palace, Festival Orquestra Sociais e Novembro Negro

A primeira apresentação realizada neste ano foi no Belmond Copacabana Palace (Fotografia 14) para tocarmos na abertura da projeção Inside Out, Mãe um Retrato, que deu visibilidade ao trabalho invisibilizado feito por mães em todo o Brasil, ao todo foram 1.700 retratos tirados em 27 estados (Inside Out, 2023).

**Fotografia 14** – Apresentação no Belmond Copacabana Palace



**Fonte:** Diogo Batista, 2023.

O processo de preparação das crianças foi por ensaios na Casa Amarela durante dois meses, sendo a apresentação realizada no dia 10 de maio de 2023. A escolha do repertório foi realizada pelas professoras, Gláucia e Juliane, e visou majoritariamente a música negra brasileira. Por ser um evento realizado em um dos hotéis mais renomados do Rio de Janeiro, solicitamos depois do convite que a coordenação da Casa Amarela exigisse um cachê. Assim, eu e Juliane definimos um valor justo para que todos os alunos fossem remunerados pelo trabalho realizado.

Estar nesse lugar de remuneração é fundamental, partindo do ponto em que o trabalho de ensino feito em sala de aula pode vir a trazer uma profissionalização. É importante que os alunos vejam com seriedade e perspectiva de futuro o que se é estudado e ensaiado no cotidiano da Casa Amarela.

Antes da preparação para apresentação, eu e Juliane definimos o repertório. As músicas executadas foram: “Asa Branca” – Luiz Gonzaga, “Lamento Sertanejo” – Gilberto Gil e José Domingos, “Rap da Felicidade” – Cidinho e Doca, “Sol Nascerá” – Cartola, “Ode à Alegria” – Beethoven, “Bella Ciao” – domínio público.

Nesse repertório, a escolha por “Asa Branca” se deu pelo seu compositor Luiz Gonzaga, grande músico brasileiro, ter passado por diversos processos históricos do Brasil e por discriminações raciais e de xenofobia ser nordestino. “Asa Branca” conta uma história sobre a seca no Nordeste, onde não havia políticas públicas para a solução da ausência de água. “Lamento sertanejo” é uma música que relata a vida e questionamentos de um sertanejo do campo numa cidade urbanizada. Nessa música, além de tocarmos, trabalhamos seu texto para que no meio da apresentação os alunos o recitassem. “Rap da Felicidade” é uma música disseminada em nosso meio, sendo um funk que questiona criticamente a violência e a pobreza na favela.

Além disso, “Sol Nascerá” do compositor Cartola foi escolhida por ser um samba de um homem negro, favelado e um dos fundadores da escola de samba da Estação Primeira de Mangueira, figura fundamental para o samba brasileiro. Em sua história de vida foi um músico que mesmo com pouco estudo, já que foi obrigado a abandonar a escola para trabalhar, encantou e encanta com sua desenvoltura musical (Enciclopédia Itaú Cultural, 2023). A reflexão acerca de Cartola que ficou para os alunos, foi “se Cartola era um excelente músico mesmo sendo cerceado na educação por causa de diversos fatores políticos desencadeados pelo racismo, o que podemos imaginar que ele seria se tivesse tido acesso?”.

“Ode à Alegria”, o tema principal é muito conhecido popularmente, o intuito foi que os alunos conhecessem um pouco sobre Beethoven. A escolha de “Bella Ciao” se deu por eles conhecerem a canção por causa de uma série da Netflix com o nome de “La casa de papel”, o interessante dessa música é que era um hino da liberdade e resistência na Itália contra o fascismo. Achamos ideal escolher uma canção que eles estavam ouvindo e com essa simbologia histórica (El País, 2020).

No entanto, estávamos indo para um ambiente que exclui pessoas negras historicamente, em relação aos seus hóspedes, gestores e os que estão em posição de servir. Assim, tivemos muitas conversas em relação de como seria

ter os nossos corpos naquele espaço, o que se era esperado com aquela performance e até que tipo de comportamento nos era exigido. Isso para que os alunos estivessem bem mentalmente e não fossem violentados por aquele espaço onde majoritariamente pessoas negras estariam na tarefa de servir. Nós professoras e coordenação da Casa Amarela achamos que seria bom ter uma preparadora corporal.

Dessa forma, antes de irem se apresentar, ela fez diversos exercícios de respiração, alongamentos e atividades nas quais ficássemos mais integrados como grupo. Foi assim que houve concentração para uma boa execução na hora da apresentação.

O festival Orquestras sociais realizado pela UNIRIO, ocorreu dias 7 e 8 de outubro de 2023. No festival o repertório é definido de forma conjunta, onde cada projeto social participante sugere uma música. Assim, eu sugeri este ano “As rosas não falam” do compositor Cartola. Quando o repertório foi definido, eu e Juliane analisamos o que era tecnicamente possível dos nossos alunos executarem. Depois de fazermos esta análise, imprimimos as partituras e entregamos para que eles pudessem ler em suas casas.

Após, essa leitura começamos a tirar dúvidas, explicar brevemente quem são os compositores escolhidos e colocamos a música para ouvirem. Assim, eles começam a tocar compreendendo o repertório, uma vez que, são feitos muitos ensaios para que eles toquem bem as músicas. Este ano, o festival foi feito sem apoio financeiro da Fiocruz, que no ano passado havia nos ajudado em transporte, monitores, alimentação, entre outros. Então, este ano solicitamos a Casa Amarela o apoio financeiro para alimentação e transporte.

Neste ano, o primeiro dia de festival foi realizado pela manhã com ensaio da orquestra, integrando os projetos (Casa Amarela, Solar: meninos de luz, Orquestra da Grota, Escola de Música da Rocinha, etc) e na parte da tarde os meus alunos participaram da oficina de percepção da professora Adriana Miana e da oficina de metodologia musical do Orff e do Dalcroze com a professora Lilia Justi. Depois das oficinas, os alunos participaram de um sarau, no qual todos os projetos e alunos puderam tocar seus respectivos repertórios. Os coordenadores e professora Juliane não puderam estar presentes durante as oficinas, assim, convidei minha mãe e minha professora de violino Karin para me ajudarem.

No segundo dia, chegamos pela manhã para a passagem de som e nos apresentamos. Este tipo de atividade é importante para que os alunos tenham

contato com outras pessoas de projetos, com outros professores e suas abordagens diferentes do ensino da música, e, principalmente pela possibilidade de estar em um evento dentro de uma universidade. É interessante esse contato com a UNIRIO, pois foi após que os alunos (Fotografia 15) me contaram da vontade deles estudarem em uma universidade. Ao focarem na formação escolar e nas aulas de música, com a perspectiva de continuidade nos estudos para ingressarem na universidade, que eles podem, também, potencializar as suas trajetórias.

**Fotografia 15** – Apresentação no Orquestras Sociais.



**Fonte:** Douglas Oliveira, 2023.

O festival Novembro Negro foi realizado pela Casa Amarela no dia 17 de novembro com a temática ligada com a Pequena África (Mapa 2), território no qual o Morro da Providência está inserido. O Festival teve duração de cinco dias e no cronograma foram dispostas todas as ações. No primeiro dia do Festival, 15 de novembro, todas as atividades foram no Morro da Providência. A Gisele Rose da Silva falou sobre os “valores civilizatórios afro-brasileiros”. Foi servido gratuitamente a feijoada feita pelas mulheres do MIP. Foi realizada oficina de musicalização com Afrika Sonora, Dj Tamy tocando músicas, roda de samba com a Vizinha Faladeira. No segundo dia, 17 de novembro, todas as atividades foram no Museu de História e Cultura Afro-Brasileira. Houve a visita educativa guiada pelo museu; Dj Glau tocando músicas, Feira Encontro Preto; contação de histórias com Camila Zarite, Orquestra Luna: passeando pelo Brasil com a Banda

da UNIRIO e show “memória travesti” com Azula. No terceiro dia, 18 de novembro, as atividades foram no Morro da Providência com oficina e roda com o Instituto Ayó; apresentação do grupo de hip hop; lançamento do livro “vem ni mi que eu sou passinho com a Galeria Providência e batalha sagas: batalha de danças de rua. No quarto dia, 19 de novembro, as ações foram no Morro da Providência com Afroflor trio; Dj Bieta; outra feijoada, distribuída gratuitamente, feita pelas mulheres do MIP; abertura com mãe Glória do Ilê Asè Iyá Omi Funfun; Filhos de Gandhi: apresentação do afoxé e apresentação Colerê “via sacra 11.645/08”. O encerramento, dia 6 de dezembro, foi na pista de skate com diálogos entre cultura e esporte, abrangendo as atividades de boxe e skate da Casa Amarela.

Essa agenda contemplou as atividades desenvolvidas na Casa Amarela do qual os viventes fazem parte e também o cronograma privilegiou moradores majoritariamente negros do Morro da Providência e da Pequena África que desenvolvem trabalhos voltados para esse território. Os meus alunos foram todos os dias, uma vez que, fazem dança afro, são pequenos contadores de história e apresentam seus trabalhos em outras atividades da Casa Amarela.

Entretanto, para que a nossa apresentação ocorresse, foram necessários dois meses, que antecederam ao festival para conseguirmos realizar a performance musical. Este ano, foi escolhido o repertório: “Caçador de Mim” – Milton Nascimento; “Asa Branca” – Luiz Gonzaga; “Sol Nascerá” – Cartola; “Berimbau” – Banden Powell e Vinicius de Moraes, “Não quero dinheiro” – Tim Maia.

No início do semestre, o aluno chamado João, sugeriu que criássemos nossa própria música, decidimos pegar uma poesia feita por Jarid Arraes chamado “Tia Ciata”. Esta poesia estava sendo trabalhada pela professora Gaby Makena na aula dos pequenos contadores de história com os viventes e como Tia Ciata era ligada à música, à negritude e à Pequena África conectamos os trabalhos por este ponto. A poesia era grande, escolhi alguns trechos, e os viventes que se sentiram mais à vontade puderam recitá-la. Isto ocorreu com a criação de uma paisagem sonora feita por todos nós em sala de aula, o João criou uma melodia que tocou nesta apresentação.

Já as outras músicas do repertório foram escolhidas por causa da trajetória de vida desses músicos negros e por estarem em gêneros musicais brasileiros diferentes como a MPB, forró e samba. A escolha levou em

consideração a possibilidade técnica desenvolvida individualmente e coletivamente até os ensaios do Festival. Considero fundamental que eles consigam executar um repertório diferente todos os anos, mas que esse novo repertório contemple o que foi estudado e desenvolvido naquele momento. Assim, as crianças tiveram a possibilidade de tocar com tranquilidade as novas músicas, se preocupando com ouvir e tocar coletivamente na prática do fazer musical em conjunto. Considero importante que eles se identifiquem com os gêneros musicais escolhidos e com a trajetória desses músicos.

No dia 17 de novembro, a Orquestra Luna também se apresentou no festival, além das atrações que foram estabelecidas pela Casa neste dia, a Banda da UNIRIO nos honrou com a sua presença. Dividimos o palco, todos tocamos juntos “As rosas não falam” de Cartola e depois a Banda seguiu com sua apresentação homenageando os 8 Batutas, Djavan, Milton Nascimento, entre outros.

Observo o desenvolvimento dos alunos de música, na autonomia que desenvolveram no seu fazer musical. Além de participarem do Novembro Negro (Fotografia 16), eles tocam em festas de suas famílias, em missas nas igrejas do bairro e em suas escolas. Deste modo, o ensino de música na Casa Amarela tem auxiliado no desenvolvimento musical das crianças e adolescentes.

**Fotografia 16 – Apresentação Novembro Negro.**



**Fonte:** Karin Verthein

## CONCLUSÃO

Ao verificar e relatar o papel do ensino de música com a cultura negra na vida dos alunos na Casa Amarela, localizada no Morro da Providência entendemos que através de uma metodologia que reconhece a história e os saberes locais, até o momento se mostra adequada à promoção do combate ao racismo e às mazelas sociais existentes.

O aprendizado das crianças e adolescentes, resultado das ações desenvolvidas na Casa Amarela em parceria com a Orquestra de Rua, possibilita a realização do ensino de músicas, da formação de grupo e prepara os estudantes para atuarem, também, fora do espaço da Casa Amarela e do Morro da Providência. O fazer musical dos estudantes está articulado também com aspectos sociais deles, pois tocar violino e fazer música está presente no Morro e na igreja que eles frequentam. Nos encontros com estes estudantes, também se observa outros aspectos, tais como eles observam o mundo, as relações de respeito, o outro e o território. Verifica-se que as trocas de saberes e aprendizado, em e com outros grupos e espaços, refletem em seus comportamentos, de como lidam com suas demandas cotidianas, com sua favela, seus amigos, vizinhos, familiares e professores

As aulas devem continuar garantindo a participação interna e externa do aprendizado em música e dos conteúdos que se vinculam ao combate ao racismo. A condição prévia para isto é o reconhecimento de que o Morro da Providência tem uma colaboração histórica para a construção da cidade do Rio de Janeiro e da própria cultura negra.

É fundamental destacar que as ações desenvolvidas para o ensino da música se dão por conta de que o Morro da Providência foi/é negligenciado por diversas políticas públicas. No entanto, a única interferência direta é dos policiais militares, e em face disso diferentes violências, cometidas por tal braço armado do Estado, entregaram três jovens negros para traficantes de um morro de facção rival. Desse modo, os jovens foram executados, gerando uma comoção nacional e internacional.

Essa perda irreparável fez com que o artista plástico francês JR viesse para o Morro da Providência. Essa vinda gerou encontros e o trabalho conjunto

com o fotógrafo do Morro, Maurício Hora. Após essa parceria, eles fundaram a Casa Amarela. A Casa Amarela, Centro de Educação, Arte e Apoio Social, que tem uma intervenção de difícil crítica, por precarizar a mão de obra de seus trabalhadores, por não haver vínculo empregatício, mas ao mesmo tempo, cumpre o seu papel de minimizar os impactos sociais gerados por questões sociais e pelo racismo no Morro da Providência. A Casa Amarela também é relevante por possibilitar o acolhimento de outras ideias, funcionando como uma espécie de incubadora sócio racial na medida em que acolhe também as atividades de ensino realizadas com a Orquestra Luna.

Dessa forma, a Casa Amarela possibilitou o desenvolvimento de um trabalho pelo qual acredito. Um ensino musical em que levamos em conta a música, a favela, os viventes e principalmente as relações que nos cercam. Estas são as bases que se cruzam e colaboram para a construção de um novo fazer musical-racial em favela.

## REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. Moradores do Morro da Providência (RJ) dizem que vida pouco mudou desde a instalação da UPP. **Notícias UOL**, Rio de Janeiro, 22 dez. 2010. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/12/22/moradores-do-morro-da-providencia-dizem-que-a-vida-pouco-mudou-desde-instalacao-de-upp.htm>>. Acesso em: 16 out. 2023.

ADORNO, Theodor (1980). O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição. **In Os Pensadores**, Trad. de José Lino Grünnewald, et al, pp. 165-191. São Paulo: Abril Cultural.

AGÊNCIA SENADO. Fazendeiros tentaram impedir aprovação da Lei do Ventre Livre. **Senado Federal**. Edição 82, 10 set. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/fazendeiros-tentaram-impedir-aprovacao-da-lei-do-ventre-livre#:~:text=Neste%20m%C3%AAs%2C%20a%20Lei%20do,nenhum%20escriv%C3%A3o%20em%20solo%20brasileiro>>. Acesso em: 20 set. 2023.

\_\_\_\_\_. Lei do Sexagenários completa 130 anos. **Senado Notícia**, 31 ago. 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/08/31/lei-dos-sexagenarios-completa-130-anos>>. Acesso em: 20 set. 2023.

\_\_\_\_\_. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. **Senado notícias**, 14 set. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ALESSANDRO, Leone. ‘Bella Ciao’, a história por trás do hino da liberdade e da resistência. **El País**, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-04-25/bella-ciao-a-historia-por-tras-do-hino-da-liberdade-e-da-resistencia.html>. Acesso em: 03 dez. 2023.

ANGELO, Elis Regina Barbosa; FOGAÇA, Isabela de Fátima; BARBOSA, Conceição Aparecida. O Rio de Janeiro “nordestino”: representações, subjetividades e saberes da cidade. **Revista Confluências Culturais**. Joinville, v. 9, n. 1: Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro – 2020 – ISSN 2316-395X, p. 167-180, fev. 2020. Disponível em: <[https://www.academia.edu/67984732/O\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_nordestino\\_representa%C3%A7%C3%B5es\\_subjetividades\\_e\\_saberes\\_sobre\\_a\\_cidade](https://www.academia.edu/67984732/O_Rio_de_Janeiro_nordestino_representa%C3%A7%C3%B5es_subjetividades_e_saberes_sobre_a_cidade)>. Acesso em: 13 out. 2023.

AMORIM, Quézia Priscila de Barros Silva e ALMEIDA, Cristine Maria Galdino. Educação musical no terceiro setor: **Reflexões sobre os processos de significação e criatividade musical**. XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Manaus, 2017.

ARCHITETANDO VERDE. **Porto Maravilha**. Foto digital. Disponível em: <<https://architetandoverde.blogspot.com/2011/08/porto-maravilha.html>>. Acesso em: 12 set. 2023.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BBC. Entenda o que são e como funcionam as UPPs nas favelas do Rio. **BBC NEWS BRASIL**, 16 dez. 2010. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101216\\_upps\\_raiox\\_pai](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101216_upps_raiox_pai). Acesso em: 26 out. 2023.

BBC, Brasil. Marcha em Paris pedirá calma a jovens da periferia. **BBC, Brasil.com**, 05 nov. 2005. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/11/051105\\_parispazjag](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/11/051105_parispazjag). Acesso em: 08 nov 2023.

BUCK-MOSS, Susan. **Estética e Anestésica: O “Ensaio sobre a Obra de Arte” de Walter Benjamin reconsiderado**. Travessia, Revista de Literatura N 33, UFSC, 1996.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica. In **Magia e técnica, Arte e Política**. Brasiliense, SP, 1986.

BASTOS, Rafael José de Meneses. **Etnomusicologia no Brasil: algumas tendências hoje**. Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. n.1, 1995.

BRASIL. Lei 10.639/03, 9 de janeiro de 2003. Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 182, n.8, p. 1, 10 jan. 2003.

BRUZZI, Marcelo. Morte de jovens entregues por militares a traficantes completa 15 anos sem julgamento. **RJ1**, Rio de Janeiro, 7 jul. 2023. 1 vídeo (5:25min). Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/07/morte-de-jovens-entregues-por-militares-a-trafficantes-completa-15-anos-sem-julgamento.ghtml>. Acesso em: 25 de out. 2023.

BREAK, Th; GBZIN. **Nunca faça isso na CDD**. Rio de Janeiro, 6 out. 2023. Instagram: @iae.break e @gbz7n\_. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CyEBKGrLRYG/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em 07 nov. 2023.

BEIRIGO, Nicollas. Meio fotógrafo, meio artista plástico, JR é o ativista urbano que você precisa conhecer. **Revista GQ**, 11 mar. 2019. Disponível em:

<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/meio-fotografo-meio-artista-plastico-jr-e-o-ativista-urbano-que-voce-precisa-conhecer.html>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BATISTA, Diogo. **Apresentação no Belmond Copacabana Palace**. Rio de Janeiro, 10 mai. 2023. Foto digital.

CALDEIRÃO DO HUCK. Artista plástico JR transforma o Morro da Providência com centro cultural 'Casa Amarela'. **TV Globo**: programa televisivo (45min), Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

<<https://gshow.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/noticia/artista-plastico-jr-transforma-morro-da-providencia-com-centro-cultural-casa-amarela.ghtml>>. Acesso em 15 set. 2023.

CASA AMARELA. **Quem somos**. Site Casa Amarela. Rio de Janeiro, RJ, 2022 ou 2023. Disponível em:

<https://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/sobre-nos>. Acesso em: 09 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **Inside Out Project Rio**. Foto digital. Rio de Janeiro, 2022 ou 2023. Disponível em: <https://www.canartchangetheworld.net/inside-out-project-rio>. Acesso em: 25 nov. 2022 ou 2023.

CORREIO BRASILIENSE. Militares confirmam à polícia terem entregue os jovens a traficantes do Rio. **Correio Brasiliense**, Brasília, DF, 16 jun. 2008. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2008/06/16/interna-brasil,13236/militares-confirmam-a-policia-terem-entregue-os-jovens-a-trafficantes-do-rio.shtml>. Acesso em: 25 out. 2023.

COSTA, Ana Claudia. Polícia Militar começa a implantar UPP no Morro da Providência, no Centro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2010. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-militar-comeca-implantar-upp-no-morro-da-providencia-no-centro-3036190> Acesso em: 26 out. 2023

COELHO, Camillo. Operação Mosaico: Polícia Federal em combate ao tráfico. **Jornal Extra**, 22 mar. 2009. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/bau-do-crime/operacao-mosaico-policia-federal-no-combate-ao-traffic-399218.html>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

DEPESTRE, René. Bonjour et adieu à la négritude. **Paris**: Robert Laffont, 1980. 262p. p.82-160. Tradução de Maria Nazareth Fonseca e Ivan Cupertino. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/depestre.pdf> > Acesso em: 30 ago. 2023.

DOMINGUES, Alfredo José Porto; JABLONSKY, Tibor. **Morro da favela em Canudos (BA)**. Foto digital. Biblioteca do IBGE: catálogo, id 12022, 1957. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=412022&view=detalhes>>. Acesso em: 01 set. 2023.  
DIEGUES, Alexandre Florence. **Estudo de caso: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência - Rio de Janeiro/2016**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2016. Disponível em:  
file:///C:/Users/Glauc/OneDrive/Documentos/tcc/Dissertacao%20Alexandre%20Florence%20Diegues.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

ESTADO DE MINAS. Canudos, a tragédia do sertão. **Estado de minas enem**, 14 nov. 2015. Disponível em:  
<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2015/11/04/noticia-especial-enem,704350/canudos-uma-tragedia-do-sertao.shtml>. Acesso em: 28 out. 2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURA. Cartola. **Enciclopédia Itaú Cultural: música**, 29 set. 2023. Disponível em:  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11957/cartola>. Acesso em: 03 dez 2023.

FARIAS, J. A. F.; ALVIM, A. T. B. (2022). Higienismo e forma urbana: uma biopolítica do território em evolução. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 14, e20220050. **SciELO**, São Paulo, 04 nov. 2022. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.1590/2175-3369.014.e20220050>>. Acesso em: 20 set. 2023.

FESTA LITERÁRIA DAS PERIFERIAS (FLUP). Mesa Periferias Globais: Morro da Favela – A Providência de Canudos. Rio de Janeiro: Auditório Faveleira, Galpão do Ação Cidadania, 18 out. 2023. Programação disponível em:  
<https://www.flup.net.br/programacao-2023>. Acesso em: 20 out. 2023.

FERREIRA, João Sette Whitaker. **Resenha do livro “A cidade do pensamento único: desmanchando consenso**, de Otília Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato. Disponível em: [http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/ferreira\\_resenhapensamentounico.pdf](http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/ferreira_resenhapensamentounico.pdf). Acessado em: 25 set. 2023.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro: história e direito**. Rafael Soares Gonçalves. - Rio de Janeiro: Pallas; Editora PUC-Rio, 2013. G1. Exército ocupa morro para obras: setecentos e oitenta casas serão reformadas na favela da Providência. Favelas na Zona Sul e no subúrbio também devem ser reformadas. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 13 dez. 2007. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL216938-5606,00-EXERCITO+OCUPA+MORRO+PARA+OBRAS.html>>. Acesso em: 06 out. 2023.

\_\_\_\_\_. Militares do caso Providência são denunciados por homicídio. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2008. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL618955-5606,00-MILITARES+DO+CASO+DA+PROVIDENCIA+SAO+DENUNCIADOS+POR+HOMICIDIO.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

\_\_\_\_\_. Exército vai investigar mortes de jovens do Morro da Providência. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 15 jun. 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL602094-5606,00-EXERCITO+VAI+INVESTIGAR+MORTES+DE+JOVENS+DO+MORRO+DA+PROVIDENCIA.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

GLOBO NEWS. Julgamento de tenente do exército acusado de três homicídios é transferido para a justiça militar. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 06 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/julgamento-de-militar-que-entregou-homens-para-criminosos-no-rio-e-cancelado-e-transferido-para-a-justica-militar.ghtml> Acesso em: 25 out. 2023.

GOOGLE TRADUTOR. Iorubá. Google. Disponível em: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR&sl=yo&tl=pt&op=translate>. Acesso em: 1 dez. 2023.

HORA, Maurício. **Morro da Providência**. Foto digital. Portal Ambiente Legal, 15 mai. 2017. Disponível em: <https://www.ambientelegal.com.br/a-copa-na-favela-o-unico-legado-e-um-teleferico/>. Acesso em: 13 set. 2023.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. Marilda Vilela lamamoto, Raúl de Carvalho. – 41. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

IF L WERE PRESIDENT. Por Casa Amarela, Douglas Oliveira, Redha Medjellekh e Orquestra de Rua. Facebook, 14 nov. 2018. 1 vídeo (1:01min). Disponível em: <https://fb.watch/oEgDh6aKRV/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

INSIDE OUT. Mãe, um retrato. **Inside Out Project**, 2023. Disponível em: [https://www.insideoutproject.net/pt\\_BR/explore/group-action/mae-um-retrato-3#section-statement](https://www.insideoutproject.net/pt_BR/explore/group-action/mae-um-retrato-3#section-statement). Acesso em: 03 dez. 2023.

JR. **Women Are Heroes, Action in Favela Morro da Providência**. Rio de Janeiro, 2008. Foto digital, 28 milímetros. Disponível em: <https://www.jr-art.net/projects/rio-de-janeiro>. Acesso em: 13 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **Face 2 Face, Seperation Wall, Security fence, Palestinian side**. Bethlehem, 2007. Foto digital, 28 milímetros. Disponível em: <https://www.jr-art.net/projects/israel-palestine>. Acesso em: 13 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **Portrait of a Generation, Les Bosquets**. Montfermeil, 2004. Foto digital, 28 milímetros. Disponível em: <https://www.jr-art.net/projects/portrait-of-a-generation>. Acesso em: 13 out. 2023.

\_\_\_\_\_. Can Art Change the World?. Disponível em: <https://www.canartchangetheworld.net/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. Woman are Heroes. Site JR. Disponível em: <https://www.jr-art.net/project-list/woman-are-heroes>. Acesso em: 01 dez. 2023.

KILL, Lúcia. **Faveleira**. Foto digital. Embrapa: bioma caatinga. Brasília - DF, 08 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/flora/forageiras/faveleira>>. Acesso em: 13 set. 2023.

KLEBER, M. O. **A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro**. Tese (Doutorado em Música) –Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LEPIANI, Giancarlo. Traficantes disparam 46 vezes contra os 3 jovens entregues pelos militares na Mineira. **Veja**, 19 jun. 2008. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/traficantes-dispararam-46-vezes-contra-os-3-jovens-entregues-pelos-militares-na-mineira>. Acesso em: 25 out. 2023.

LAVIGNE, Marco; BOSISIO, Paulo. **Técnicas Fundamentais de Arco para Violino e Viola**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 1999.

MOLINO, Jean (s/d). Facto Musical e Semiologia da Música. In *Semiologia da Música*, J.-J. Nattiez, et al., pp. 109-164. Lisboa: Vega.

MARTÍN, Maria. O artista francês que insiste em virar o mundo pelo avesso. **El País**, Cultura, Rio de Janeiro, 07 nov. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/cultura/1509385421\\_593585.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/cultura/1509385421_593585.html). Acesso em: 08 nov. 2023.

MELLO, M. R.; PENNA, M. **Educação musical em um projeto social: um estudo de caso em João Pessoa/ PB**. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 10., 2011, Recife. Caderno de resumos. Recife: Abem Nordeste, 2011. p. 29.

MULHERES INDEPENDENTES DO MORRO DA PROVIDÊNCIA. **Quem somos**. Rio de Janeiro, RJ, 2022. Disponível em: <https://www.coletivomip.com/quem-somos-1>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA. **II Concerto do Projeto**: Luna um olhar sobre a Terra de Leonardo Sá. Rio de Janeiro, 7 jul. 2015. Facebook: Maestro José Siqueira. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/UZCN3i3y7CSmWS8W/?mibextid=WiMSqg>. Acesso em: 30 nov. 2023.

NATTIEZ, Jean-Jacques. **Etnomusicologia e significações musicais**. Per Musi, Belo Horizonte, n.10, 2004.

NEDER, Alvaro; PEREIRA, Daniel Barros Golçalves; FRANCO, Irla; CAETANO, Rodrigo. **Música, educação e cultura na baixada fluminense: uma pesquisa participativa**. 3º Encontro Nacional de Produção Cultural, 2008.

O GLOBO. Primeira favela do Brasil, Morro da Providência completa 120 anos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 jun. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/primeira-favela-do-brasil-morro-da-providencia-completa-120-anos-21378057>. Acesso em 16 out. 2023.

OLIVEIRA, Douglas. **Casa amarela**. Rio de Janeiro, 7 jul. 2023. Foto digital. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuZ7z3kJBYd/?igshid=N2ViNmM2MDRjNw==> Acesso em 29 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **Morro da Providência**. Rio de Janeiro, 16 jun. 2022. Foto digital. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ce4AqWXOmjV/?igshid=N2ViNmM2MDRjNw%3D%3D>. Acesso em: 30 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **Apresentação Orquestras Sociais**. Rio de Janeiro, 8 out. 2023. Foto digital.

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli nascimento e MELLO, Ramalho de Melo. **Educação musical com função social: qualquer prática vale?** Revista da Abem – Londrina, v.20 – 2012.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Da Providência à Favela: os trabalhadores e a ocupação de um morro da região portuária do Rio de Janeiro (1856-1901). **USP: Revista de História**. São Paulo, n.182, a11122, 25 abr. 2023. <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2023.201510>>. Acesso em: 20 set. 2023.

PINHEIRO, Regina. Lei Euzébio de Queiroz completa 170 anos. **Rádio Senado**: áudio (3min), 01 set. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/09/01/lei-eusebio-de-queiroz-completa-170-anos>>. Acesso em: 20 set. 2023.

RODRIGUES, Renan. Pequena África, joia do Rio, pode ter proteção de lei. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 mai. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/pequena-africa-joia-do-rio-pode-ter-protacao-da-lei-23694595>>. Acesso em: 12 set. 2023.

ROSS, Rosemay de. Hoje na História, 20 de Novembro – Dia Nacional da Consciência Negra. **Portal Geledés**, 20 nov. 2012. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-20-de-novembro-dia-nacional-da-consciencia-negra/?amp=1&gclid=EAIaIQobChMIrtGtoN-5ggMVW8rCBB1AnANQEAAAYASAAEgKelvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-20-de-novembro-dia-nacional-da-consciencia-negra/?amp=1&gclid=EAIaIQobChMIrtGtoN-5ggMVW8rCBB1AnANQEAAAYASAAEgKelvD_BwE). Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, Alexandre Dias. **Música e Projeto Sociais na favela da Maré: reflexões para estudo de caso sobre a prática musical das ONGs que atuam na Maré**. VI Enecult, Salvador, 2010.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. Gisele Rose da Silva. -1. ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

SILVA, M. G. C. F. (2019). Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11, e10180179. **SciELO**, São Paulo, 03 out. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/urbe/a/RZQZ3vhLgqTmYWXQXZrqSgJ> >. Acesso em: 30 ago. 2023.

SHIMIZU, Bruno. **Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas**: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas. Bruno Shimizu. 1º edição, São Paulo: IBCCRM, 2011. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1966265/mod\\_resource/content/1/Solidariedade%20e%20Gregarismo%20nas%20Fac%C3%A7%C3%B5es%20Criminosas%20-%20BRUNO%20SHIMIZU.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1966265/mod_resource/content/1/Solidariedade%20e%20Gregarismo%20nas%20Fac%C3%A7%C3%B5es%20Criminosas%20-%20BRUNO%20SHIMIZU.pdf). Acesso em: 01 dez. 2023.

TORAL, André Amaral de. Guerra do Paraguai: História e Polemica, a participação dos negros na Guerra do Paraguai. *Estud. av.* 9 (24), fascículo ago. 1995. **SciELO**, São Paulo, 13 jun. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141995000200015>>. Acesso em: 27 out. 2023.

TORRES, Sergio. Jovens da Providência foram mortos com 46 tiros, diz IML. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1906200806.htm>. Acesso em: 25 out 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação infantil. **MEC – Valores afro-brasileiros na Educação**. Boletim, v.22, p. 30-36, 2005. Disponível em: <https://culturamess.files.wordpress.com/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

VIANNA, Keeyth. **As Aventuras Musicais de Aipim**. O Aprendiz de Violino. Keeyth Vianna. 1º edição – Brasília, DF – Musimed, 2017.

VERTHEIN, Karin. **Apresentação Novembro Negro**. Rio de Janeiro, 17 nov. 2023. Foto digital.

VAGGIONE, Horacio (2001). Some Ontological Remarks about Music Composition Process. **In Computer Music Journal**, 25(1): 54-61, Spring 2001.

WOMEN ARE HEROES (BRAZIL). Por JR. Art in the Streets, MOCAtv, Ep. 3, 1 nov. 2012. 1 vídeo (9:47min). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=CNzXKEC333c>>. Acesso em 06 out. 2023.